

Mensagem

BOLETIM DO INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS DAS ESCOLAS



ANO 1990 • DEZEMBRO • NÚMERO 8



Monumento ao Pe. Champagnat na Província do México Ocidental.

Editorial



O Ir. Charles Howard, durante a homília de encerramento do Ano Champagnat.

Trechos da homília do Ir. Charles Howard, por ocasião do encerramento do Ano Champagnat (6 de junho de 1990)

Por todo mundo Marista, houve esforços significativos para marcar este ano de graças. Realizaram-se cerimônias litúrgicas, apresentações culturais e sociais, publicações especiais, projetos e exposições. Em algumas Províncias, procurou-se dar novo sentido ao apostolado através de um reexame das prioridades apostólicas, a fim de colocar, por detrás das festividades, o enfoque mais profundo sobre quem foi Champagnat e sobre o que ele realizou, sobre o que nos resta realizar depois dele.

Os acontecimentos mais marcantes, porém, deram-se no interior do coração de todos nós, através do esforço que fizemos no sentido de aprofundar a compreensão do que Champagnat significa para o Instituto e para cada Irmão.

Fonte de grande alegria para nós todos, nestes dias, é o conhecimento mais claro do que esse dom do Espírito Santo à Igreja, ao mundo, não se restringe aos Irmãos. É realmente muito gratificante verificar o número cada vez maior de leigos ansiosos por partilhar nosso carisma. Fico cada vez mais impressionado ao ver os jovens dos diversos países que visito como se entusiasмам pela imagem de Marcelino Champagnat que vêem nele, não apenas alguém que deve ser admirado e invocado, mas imitado.

Estou firmemente convicto de que os leigos que vivem o espírito e a espiritualidade de Marcelino terão muitas coisas a partilhar e a ensinar-nos no futuro. Esperamos que o Movimento Família Marista Champagnat nos dê um impulso especial para espalhar o carisma de Marcelino.

Em outra ocasião, mencionei as palavras do Irmão Francisco dirigidas a todos os Irmãos do Instituto, no dia do falecimento de Marcelino:

«Cabe-nos, agora, aceitar e seguir suas derradeiras e comoventes recomendações; reproduzir a vida dele em nossa vida, imitando fielmente as virtudes que admirávamos nele.»

Um aspecto importante da espiritualidade de Marcelino foi o espírito de família. Sabemos que esse foi um ponto sobre o qual voltava reiteradamente nas conferências que fazia aos Irmãos. Queria que as comunidades se assemelhassem com as dos primeiros Cristãos nas quais todos se amavam, partilhavam em comum e rezavam juntos. Mais do que isso, queria que esse espírito se irradiasse fora deles para que pudessem ajudar a família humana. Isso constitui parte importante de nossa missão na Igreja e no mundo.

Esse amor fraterno, esse espírito de família, era alguma coisa que impressionava a todos os que entravam em contacto com Marcelino e com os Irmãos.

Gostaria de fazer três reflexões sobre a maneira de reproduzir, em nossa vida, esse espírito de família, esse sentido de comunhão com os outros. A primeira reflexão refere-se à família de todo o mundo, a união da humanidade toda; a segunda, trata dos pobres e a terceira, diz respeito à oração de uns em favor dos outros.

«Peritos em comunhão»

Na Encíclica Sollicitudo rei socialis o Papa João Paulo II ressaltou com muito vigor que todos os homens e mulheres são membros da família de Deus e deduziu as conseqüências que fluem dessa realidade. Penso que a maioria de nós reconhece a necessidade de desenvolver esse espírito de comunhão, o espírito de família universal, com o sentido de responsabilidade para com outrem. Precisamos achar novas e melhores maneiras de trabalhar, de compartilhar para criar um mundo mais justo.

A Igreja convocou os religiosos, «peritos em comunhão», gente que emprega seu trabalho e a vida inteira na promoção da comunhão entre os homens e as mulheres, para incentivar o sentido da família humana, para divulgar e viver a Boa Nova de nossa filiação comum em Deus.

E nós, Irmãos Maristas, com nossa tradição forte do espírito de família, herdado de Marcelino e de nossos primeiros Irmãos, com certeza, deveríamos ser peritos em comunhão.

Quer seja em nossas comunidades, na comunidade educativa: pais, professores, alunos; quer seja na comunidade paroquial local deve transparecer, através de nossa vida, o compromisso de comunhão, o compromisso de incentivar os laços do espírito de família em qualquer lugar em que estejamos por meio de tudo o que fizermos.

Amor preferencial dos pobres

Na família mundial dos homens e mulheres, há algumas pessoas que merecem um destaque especial para nosso amor e cuidado. Esse destaque vem-nos expresso muito claramente no Evangelho, na Igreja, nos sinais dos tempos e em nossa tradição. É um chamado do Espírito Santo para nosso tempo, é um dom que, bem correspondido nos trará nova vida. Se for negligenciado, não produzirá frutos e, inevitavelmente, terá um resultado de estiolamento e de morte.

Acho que existe uma evidência muito clara do que estou falando em nosso querido Instituto tanto na vida das pessoas quanto na vida das Províncias. Expondo mais claro: uma será a atitude que representa fidelidade a Jesus Cristo, a outra, de infidelidade. Assim o Papa João Paulo expressou-se no México, há exatamente três semanas atrás: «Quero reafirmar que, no coração da Igreja, continua a existir a opção preferencial pelos pobres que, sem ser exclusiva, porque a redenção universal oferecida por Cristo abrange todos os homens sem distinção, é um sinal inequívoco da fidelidade da Igreja para com Ele.»

Rezar uns pelos outros

Meu terceiro ponto refere-se ao espírito de comunhão que se expressará, naturalmente, através de nossa oração. Marcelino Champagnat trazia os Irmãos no coração e recomendava-os constantemente, junto com suas necessidades, a Deus e a Maria. As cartas que lhes enviava dão testemunho repetido da oração incessante que por eles fazia. Ao escrever aos diretores, dizia: «Digam aos Irmãos que os amo como filhos, penso neles e rezo constantemente por eles» (Vida, 437). Nas cartas circulares a todos os Irmãos, muitas vezes, aparece esta afirmação: «Gosto de recordar a todos cada dia e apresentá-los ao Senhor, no altar», e «Sabem que não há nada de bom que eu não peça a Deus para que lhes conceda».

Assim é um aspecto natural de nosso espírito de família, do espírito de comunhão, que rezemos, do jeito de cada um, por aqueles com os quais vivemos e trabalhamos —os Irmãos, os associados leigos, os alunos, os pais dos alunos, nossas famílias e amigos— e que façamos isso, não apenas de forma muito vaga, mas individualizando, citando o nome. Essa maneira de levar até Deus cada Irmão, especialmente os de nossa comunidade, deveria ser um aspecto normal de nossa espiritualidade.

Continuemos a nos alegrar juntos pelo dom de Deus de Marcelino Champagnat à Igreja. Agradeçamos a Deus por esse dom. E, como resposta prática, procuremos imitá-lo muito de perto na promoção da comunhão entre todos os filhos e filhas de Deus ao rezar uns pelos outros e em nosso amor pelos pobres.

Sumário

EDITORIAL:

Trechos da homilia do Ir. Charles Howard, S.G.,
por ocasião do encerramento do Ano Champagnat. 1

TEMAS MARISTAS 4

— Entrevista com o Pe. Coste, SM 5

— Marcelino Champagnat e os Padres Maristas
(Padre Edwin Keel, SM) 14

— Certo número de pontos comuns (Pe. A. Forissier) 16

— Entrevista com o Pe. Albert Diiani, V.G., SM 22

— Entrevista com o Pe. Robert Barber, SM 26

— Irmãs Maristas: passado e presente 28

— Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria:
passado e presente 33

CRÔNICAS DO MUNDO MARISTA 44

— Curso para futuros Mestres de novicos 45

— Hungria: o retorno dos Irmãos Maristas 48

— Encontro dos Irmãos Provinciais da Europa 53

ATENÇÃO AOS APELOS DA IGREJA 54

— Documento do Vaticano
sobre a Formação nos Institutos Religiosos 55

Irmãos Provinciais 57

Estatísticas gerais do Instituto
em 31 de dezembro de 1989 58

Nossos defuntos 59



Relevos em cerâmica (Ir. José Santamarta, Castilla).

TEMAS MARISTAS

- *Entrevista com o Pe. Coste, SM.*
- *Marcelino Champagnat e os Padres Maristas (Pe. Keel).*
- *Certo número de pontos comuns (Pe. A. Forissier).*
- *Entrevista com o Pe. Albert Diiani, vigário geral, SM.*
- *Entrevista com o Pe. Robert Barber, SM.*
- *Irmãs Maristas: passado e presente.*
- *Irmãs Missionárias da Sociedade de Maria: passado e presente.*

ENTREVISTA COM O PE. JEAN COSTE, SM

O Pe. Jean Coste, Marista, é muito bem conhecido como dos grandes historiadores da Sociedade de Maria. Seus volumes «Origens Maristas», fruto de longos anos de trabalho minucioso, contribuíram para tornar mais acessíveis as fontes maristas.

Biblista de formação, o Pe. Coste trabalhou um ano como Postulador. Apaixonou-se pelo estudo de nossas origens. Oriundo da mesma região lionesa, sente-se muito próximo ao meio espiritual dos Maristas, até por tradição familiar. Não esconde sua satisfação ao afirmar que o Pe. Cholleton, diretor espiritual de Colin e Champagnat, foi também diretor espiritual de seu tataravô.

As pesquisas do Pe. Coste duram trinta e cinco anos. Agora, aos 64 anos de idade, é ainda homem dinâmico, com seu gabinete de trabalho no centro da cidade de Roma, repleto de livros e papéis. Responde às perguntas que lhe fazemos com firmeza, entusiasmo e convicção.

Quais são, conforme seu parecer, os traços mais marcantes da personalidade do Pe. Colin?

Diria que o Pe. Colin é, em primeiro lugar, um apaixonado, dessas pessoas que constroem sua vida em torno de um objetivo, de uma idéia. Para ele, esse objetivo era a Sociedade de Maria. É homem ativo, líder e isso, talvez, não foi colocado em destaque nas primeiras biografias, em que se insistia em sua vida oculta... Com certeza, é homem ativo.

Por outra parte, foi homem de grande sensibilidade; poder-se-ia mesmo falar de hipersensibilidade, devido a muitas coisas que lhe ocorreram na infância, que o impeliavam a ter poucos contactos sociais, que o impediam de lançar-se à ação como fez Champagnat. Essa sensibilidade permitiu-lhe compreender seu tempo, muito sensível a respeito da Igreja, no qual toda imposição, toda influência muito forte da Igreja suscitava a reação. Em resumo, o Pe. Colin, através de sua experiência pôde compreender o mal que se poderia fazer ao procurar o barulho, o prestígio, a publicidade, etc. Isso ajudou-o muito a conceber a maneira marista de agir e de ser presença.

Quais foram as influências, as circunstâncias da vida que marcaram mais o Pe. Colin?

Para começar, a Revolução. Foi vivida na França de maneira muito diferente, conforme as povoações. To-

mos, por exemplo, as três aldeias dos Fundadores: sabe-se o papel desempenhado pelo pai do Padre Champagnat no comitê de Marlhès. Foi diferente em Coutouvre. Saint-Bonnet-le-Troncy é talvez um dos municípios da região de Lião onde as lutas foram mais violentas. Houve oposição entre dois clãs e o pai de João Cláudio pertencia ao clã dos intransigentes; morreu em consequência das perseguições e João ficou órfão aos quatro anos de idade. Teve de esconder-se nos bosques. A mãe morreu-lhe no mesmo mês. O pequeno foi entregue a uma senhora de idade. Isso tudo o marcou profundamente.

Mais tarde, foi estudar no seminário menor da diocese de Lião, diocese com forte tradição marial. O primeiro livro que lhe foi entregue para ler, que o influenciou para o resto da vida, foi «A vida oculta em Deus», de Boudon.



«Sociedade de Maria», detalhe do afresco na Casa Geral.



Pe. Jean Coste, SM

Acredito que essas experiências vão influenciar enormemente o Pe. Colin quando se tornará coadjutor, sobretudo, em sua maneira de abordar o ministério.

Colin foi coadjutor em Cerdon, missionário no espírito das missões populares, educador no colégio de Belley, fundador... Considera isso como uma evolução através desse papéis?

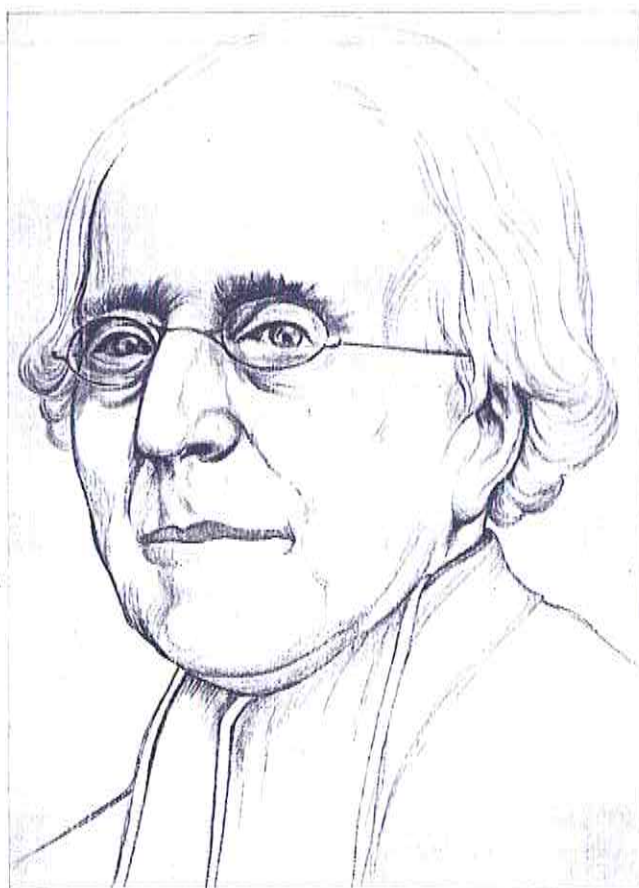
Com certeza. Seria uma lástima se não tivesse evoluído nesses diferentes domínios. Deve ter tido a idéia de uma Sociedade consagrada à Santíssima Virgem desde o seminário menor. Não era, certamente, coisa muito definida. Pode-se dizer que, na etapa do seminário maior, quando Courveille fala da Sociedade, já existe uma intuição de base que amadureceu nele. Deve-se fazer alguma coisa. Maria tem um papel a desempenhar e, quanto mais marial se for, tanto mais se dará resposta às necessidades do tempo. Essa intuição já a tem em si ao sair do seminário maior. Vai tomar forma e nutrir-se em contacto com os diferentes ministérios.

De início, como coadjutor, mas sobretudo como missionário, vai sentir a necessidade de um tipo de missão diferente da que se praticava na Restauração. Educador, vai compreender que todas as maneiras de ser e de agir podem-se traduzir de maneiras particulares. Acredito que seu papel de Fundador, que coroa tudo, provém de que baseou a Sociedade, não apenas numa idéia vaga, mas sobre bases precisas e sólidas: existia uma Norma ao enviar os padres em missão, dava-lhes as diretivas. Não apenas lançou uma idéia como Courveille, mas na qualidade de Fundador, comunicou verdadeira experiência espiritual e apostólica aos que reuniu porque tinha começado ele próprio a praticar esse ministério. Foi um enriquecimento progressivo.

Quais seriam, então, as grandes linhas de força da espiritualidade do Pe. Colin?

O termo «espiritualidade», talvez, seja uma palavra difícil. Quero crer que em Colin achar-se-á uma espiritualidade elaborada. Sem dúvida, menos que com o Pe. Chaminade. Certa vez, publicou-se um resumo do pensamento do Pe. Colin intitulado «Doutrina Espiritual». Acho que a expressão é muito forte, especialmente porque não existe nele doutrina elaborada, sistematizada, como muitos autores fizeram. Não se tem doutrina que esteja dissociada de uma certa maneira de ser e de agir conforme seu tempo. Colin era homem que sentia as coisas, não um intelectual que elabora doutrinas.

Esta espiritualidade muito bem sentida, pode-se dizer que é existencial. A expressão fundamental que permanece sempre ligada ao nome de Colin «Desconhecidos e ocultos no mundo», é inseparável de sua própria existência. Ele tinha essa tendência natural de esconder-se nos bosques, e compreendeu, com a graça de Deus, como tudo isso poderia tornar-se maneira de viver «ignoto e oculto no mundo». Vai construir em torno dessa experiência. Debaxo dessa expressão encontra-se, ao mesmo tempo, uma experiência pessoal e um sentido de Deus muito profundo. É uma espiritualidade na medida em que Deus é que realmente conta, esse Deus que vê



João Cláudio Colin, desenho de M. Hermans, Bélgica.

em segredo. Não é a imagem que você apresenta aos outros que vale, mas o que Deus vê em você, que é verdadeiro, que é sólido. São as virtudes ocultas que valem.

Ao mesmo tempo, é uma forma de abordar o mundo. Dizia. «Atenção, cheguem com humildade, peçam o parecer do vigário (para pregar uma missão) ajam com muita modéstia, conquistem as almas ao submeter-se a elas. A expressão «desconhecidos e ocultos» é, portanto, uma experiência pessoal, uma verdadeira descoberta de Deus e, ao mesmo tempo, um jeito de ser no apostolado. Ai está o termo central da espiritualidade que nele unifica tudo.

Houve Colin, mas também, Courveille, Champagnat, Chavoïn... Qual foi o papel de Colin na fundação do ramo dos Padres e no conjunto da Sociedade de Maria?

Sabemos muito bem que Colin não deu a idéia da Sociedade de Maria, nem sequer o nome. Ele mesmo o reconheceu. O nome foi dado por Courveille, o primeiro a lançar a idéia. Apesar disso, não sinto escrúpulo ao dar a Colin o título de Fundador dos **Padres Maristas** porque foi ele que colocou as bases que permitiram a edificação. De fato, fundou os Padres Maristas e quero crer que ninguém lhe tirará esse título.

No que se refere às **Irmãs Maristas**, a Santa Sé reconheceu-lhe o título de co-fundador e as Irmãs lhe têm muito apreço. Com efeito, a Madre Chavoïn, apesar das dificuldades que teve com ele, exatamente no último bilhete que lhe escreveu, alguns dias antes da morte, lhe dizia: «Meu Pai, conclua nossas Normas, apenas o senhor sabe o que a Santíssima Virgem quer



Joana Maria Chavoïn, pintura de M. Hermans, Bélgica.



Francisca Perroton, quadro de M. Hermans, Bélgica.

que sejamos». Ela reconheceu até o fim que cabia a ele dizer às Irmãs Maristas o que deviam ser. É considerado pela Madre Chavoïn como Fundador das Irmãs Maristas.

Em relação aos **Irmãos Maristas**, o caso é muito diferente. Sabem muito bem que a idéia dos Irmãos vem de Champagnat. Champagnat repetia: «*Precisamos de Irmãos.*» Colin foi o Superior de Champagnat, desde 1830 porque, embora não fossem ainda religiosos, reconheceram Colin como superior e, a partir daquele momento, conservamos a correspondência entre Colin e Champagnat. É sobretudo a partir de 1836, quando é eleito oficialmente Superior Geral da Congregação dos Padres, na qual Champagnat emitiu os votos, que Colin se torna o ponto de referência. Sabem que Champagnat fez questão que seu Testamento Espiritual fosse entregue ao Pe. Colin. Ainda está em nossos arquivos. Acho que não se pode dizer muito do papel de Colin no que diz respeito aos Irmãos Maristas.

Quanto às **Irmãs Maristas Missionárias**, não foi Colin o iniciador do movimento. Sentia-se bloqueado às mulheres para ousar lançar essa idéia de mulheres missionárias. Não se pode dizer que a idéia tenha provindo dele. Não opôs obstáculos, mas não desempenhou nenhum papel direto no começo, na etapa das Pioneiras. Em contraposição, foram elas que muito se referiram a ele. Eram leigas que não tinham nenhum ponto de referência espiritual, e foi através dos padres que entraram em contacto com o espírito do Pe. Colin. A Irmã Maria da Cruz, uma das figuras mais notáveis das Irmãs Missio-

nárias, viveu em profundidade a espiritualidade do Pe. Colin, da maneira como pôde conhecê-la através do Pe. Poupinel e outros.

O mais difícil de apreender é a **Ordem Terceira**. A idéia parece vir de Courville —um árvore com três ramos— mas essas três ramificações não são os Padres, os Irmãos e as Irmãs, mas; os Padres, as Irmãs e a Ordem Terceira. Entre os que levaram adiante a idéia, está, em primeiro lugar Pompallier, que começou os Irmãos Terceiros, a seguir, sobretudo, o Pe. Eymard, São Pedro Juliano Eymard, que deu verdadeira organização à Ordem Terceira. Quanto a Colin, pode-se dizer que nunca realizou alguma coisa a esse respeito. É consequência de seu temperamento um pouco tímido, algo hesitante. Para ele, lançar o movimento da Ordem Terceira seria fazer concorrência às paróquias, mostrar que também temos nossas «tropas»... e Colin não gostava disso. Por outro lado, foi bem ele que deu esta visão da Sociedade como uma antecipação do Povo de Deus dos últimos tempos onde os cristãos independentemente de idade, sexo, qualquer condição, seriam reunidos sob o manto da Virgem Maria. Foi essa grande visão que hoje torna a dar sentido à Ordem Terceira achando de novo sua inspiração nas primeiras idéias de Colin.



Marcelino Champagnat, esboço de M. Hermans, Bélgica.

Maria desempenhou papel muito particular na espiritualidade do Pe. Colin.

Quais são as características da devoção marial dele?

Colin, como Champagnat, foram formados na perspectiva da contra-reforma. Maria é objeto de culto, de to-

da dignidade e de todos os privilégios; é uma reação contra os protestantes que querem negar a grandeza de Maria. O que é belo é que toda essa geração não vai afastar-se disso, mas irá adiante.

Para Colin, a obra que mais impacto lhe fez, dando-lhe a maneira de ver Maria, foi «*A Cidade Mística*» da Madre Maria de Ágreda. Conforme esse livro, a cidade mística —isto é a Igreja— é Maria. Aí está a relação estreita entre Maria e a Igreja, entre Maria e a história. Maria intervém em todas as épocas da história e intervirá sobretudo no fim dos tempos. Em vez de ter uma devoção vertical, pela qual se honra Maria e seus privilégios, Maria torna-se uma forma de ver a Igreja, de ver a história que vai continuar até ao final dos tempos. A espiritualidade de Colin vai ser marcada por isso. Acredito que se pode dizer que o traço fundamental da devoção marial de Colin é que Maria, mais do que objeto de culto ou de devoção, é pessoa com a qual nos identificamos. Isso aparece até sob o ponto de vista gramatical, no texto das Constituições: Maria é raramente um complemento de objeto direto (amo Maria, invoco Maria...), mas antes sujeito (ela fazia, ela dizia,...). Colin não é homem que falou muito de Maria ou à qual teceu muitos louvores. De preferência dizia: «Procuramos continuá-la, torná-la presente, fazer o que ela fez». Em todo caso, para Colin, Maria é claramente vista como sujeito (do verbo).



Coração com a cinta que contém a fórmula de consagração e os nomes dos primeiros membros da Sociedade de Maria.



«O Padre Colin, é, antes de tudo, homem apaixonado...»

Nos primeiros tempos, houve padres trabalhando nas missões populares, comprometidos com a educação, outros partindo para a Polinésia... Qual era o ponto de vista de Colin a propósito da missão dos padres?

Certamente, a missão da Sociedade de Maria não existe apenas no sentido de querer colocar uma pérola a mais na coroa da Mãe de Deus. No seminário maior, os primeiros aspirantes —é Terraillon quem no-lo diz— *«nós nos inflamávamos em nossos desejos, ora pela consideração de ser os primeiros filhos de Maria, ora pela consideração das grandes necessidades dos povos»*.

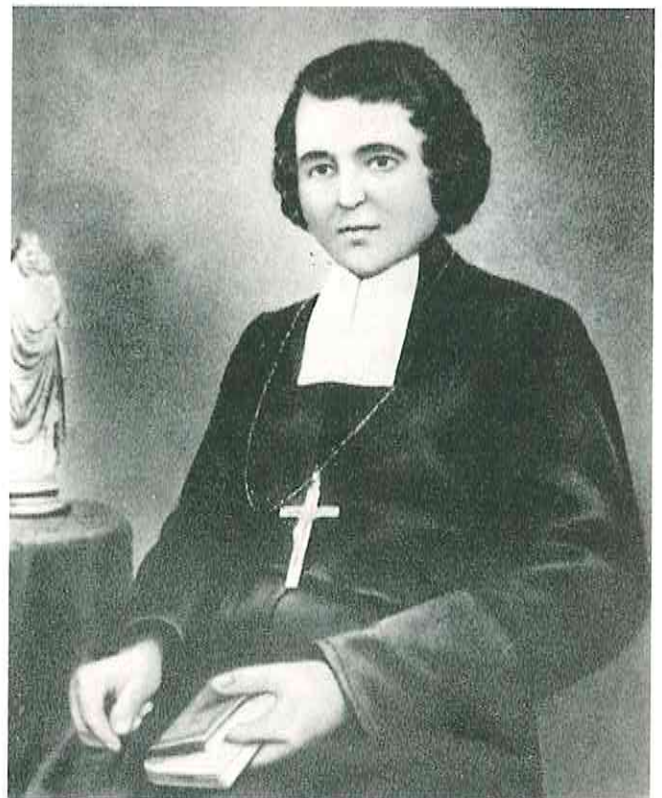
Há, portanto, uma dupla referência: Maria, não resta dúvida, porque lhe pertencemos, devemos ser como ela, em seguida, as grandes necessidades dos povos. Com a convicção contudo, de que as duas coisas constituem apenas uma: quanto mais pertencer a Maria, e tiver coração marial, tanto mais responderei às necessidades dos tempos. Com efeito, se pensar e agir como Maria, não procurarei mais dominar, tomar de assalto, adquirir prestígio, procurar a influência, mas tentarei obrar de maneira modesta, escondida... Quanto mais agir dessa maneira marial, tanto mais corresponderei às necessidades dos tempos: é verdadeiramente, acredito eu, a grande idéia de Colin sobre a missão da Sociedade de Maria.

Ao proceder como Maria, a Sociedade de Maria, ajuda a Virgem a realizar seu desejo, porque Colin sente, de maneira muito intensa, que Maria tem uma missão, agora que nos estamos aproximando do fim dos tempos. Ela, que está presente em todos os momentos na Igreja, vai redobrar ainda mais seu esforço no fim dos tempos, porque é quando um filho está doente que a mãe se debruça com maior amor sobre ele. A Sociedade de Maria vai permitir-lhe de ir em toda parte; chamar os pecadores, mostrar sua misericórdia e fazer de sorte que Maria possa atingir todos os filhos, reuni-los e salvá-los. A missão da Sociedade é a de Maria. Aliás, tanto Colin como Champagnat, na correspondência dos primeiros anos, não falavam tanto da «Sociedade» de Maria, mas da «Obra» de Maria. É muito lindo: faz-se o que Maria quer que se faça; é a obra de Maria. O termo «Sociedade» é mais jurídico.

Ao traçar o paralelo entre Colin e Champagnat, quais são os pontos de convergência e de divergência que observa?

Penso que não se trata aqui de tomar questões precisas nas quais, em dado momento, puderam discutir, ter dificuldades. Seria uma questão puramente histórica que deixarei de lado, para falar antes das atitudes globais.

No que se refere às convergências, direi: ambos tinham a mesma fé na obra de Maria, numa obra só. Champa-



Ir. Maria Nizier, primeiro Irmão missionário na Oceânia, companheiro do Pe. Chanel.



S. Pedro Chanel, Padre Marista, protomártir da Oceânia.

gnat morreu com a idéia que existia apenas uma grande Sociedade de Maria. Colin e ele estavam verdadeiramente unidos pela mesma convicção: Maria quer alguma coisa hoje, nós vamos tentar fazê-la, tanto os Padres como os Irmãos, com a intenção de consagrar-lhe toda a vida, sem reservas.

De outro lado, concedem a Maria o mesmo lugar central. Maria é vista na perspectiva marista fundamental de humildade, simplicidade, modéstia, essas virtudes que foram mais «canonizadas» entre os Irmãos e que, entre os Padres, talvez sejam menos explícitas. Trata-se porém da mesma visão essencial de Maria.

Em contrapartida, depressa percebem-se diferenças consideráveis. Provêm exatamente do temperamento. Ambos são fundadores que consideram Maria como modelo de humildade. A humildade, no entanto, para cada um tem significados diferentes. Para Colin, a humildade está ligada ao temperamento, às experiências um pouco negativas. Entende-a no sentido da vida escondida, diante de Deus ou no apostolado. Champagnat possui temperamento totalmente diferente. Desde pequeno, aprende todos os ofícios, o pai está em plena atividade no município... Entra no mundo com ambos os pés. Não se trata de esconder-se pelo prazer de esconder-se. Sua humildade é mais a verdade. Champagnat é construtor: sabe que essa pedra presta para tal lugar do muro e que a outra assenta melhor nos fundamentos: sabe colocar tudo no devido lugar. Vejo a humildade de Champagnat como alguma coisa de mais verdadeira; não é questão de se ocultar ou dizer-se pequeno, mas de não julgar-se mais do que se é, de colocar-se em seu lugar onde é necessário executar o que se deve.

O temperamento de Colin é mais de visionário, de utopista; fala do fim dos tempos... Pode imaginar Champagnat reunindo os Irmãos para dizer-lhes: «Irmãos, o fim dos tempos se aproxima...?» Nada disso, falava-lhes de coisas mais simples, não queria virar-lhes a cabeça.



Ilha de Futuna:
igreja construída
no local do martírio
do Pe. Chanel.

Há, sob o ponto de vista de temperamento, uma enorme diferença. Existem também diferenças que vão aumentar pelo tipo de obras que se quer empreender. Colin é padre que funda uma sociedade de padres, e, por conseguinte, vai desenvolver muito mais todos os aspectos pastorais; maneira de confessar, de tratar os fiéis, de pregar, etc.

Champagnat está absorto com a responsabilidade dos Irmãos. Hoje os Irmãos fazem direção espiritual, animação de grupos de jovens, enfim tudo o que os Padres executam excepto a consagração. Naquela época, os Irmãos deviam dar aula, viver juntos a vida comunitária estrita, executar seu trabalho... Então Champagnat vai falar-lhes de Maria, mas mais «ad intra», não com os mesmos acentos de Colin. O tipo de obra à qual se dedicaram ajuda-nos a compreender suas divergências.

Já no tempo de Champagnat houve colaboração entre Padres e Irmãos. O exemplo mais típico talvez seja o dos Irmãos que acompanharam os Padres na Polinésia. Come vê essa colaboração sob o ponto de vista histórico?

É uma questão complicada sobretudo pela existência do que chamamos os Irmãos coadjutores. Colin os tinha previsto desde o tempo que passou em Cerdon, fala deles nas primeiras Normas de 1822. Contudo, não assumiram identidade e não se distinguiram dos Irmãos de Champagnat senão muito lentamente.

Houve um período de grande incerteza. Colin, em certo momento, dizia que havia apenas uma só espécie de Irmãos: quando estão na cozinha, são coadjutores, e quando dão aula, são professores. Trocam de hábito conforme a função. Or Irmãos de Champagnat não entendiam essa história de mudar de traje, ser Irmãos Maristas a metade do dia. Houve muita confusão entre certos Irmãos.



«Maria nos aparece como maneira de ver a Igreja e a história.»

Tudo isso deu origem a muitos equívocos. Pense, por exemplo, na famosa carta de Colin a Champagnat, pedindo-lhe de enviar Irmãos a Verdelaís par tomar conta da cozinha. Champagnat não quer porque precisa deles nas escolas. Colin lhe diz:

O senhor não compreendeu o fim da Sociedade; o objetivo dos Irmãos é de ajudar os Padres... Sim, para certos Irmãos, o objetivo era de ajudar os Padres, mas o fim dos ensinantes era o ensino. Portanto, é pre-

ciso não idealizar essa colaboração inicial porque foi vivida com falta de clareza. Foi necessário tempo antes de chegar a distinguir bem as coisas.

No tocante à Oceânia, mesmo os que tinham feito votos em Hermitage e que se consideravam filhos do Pe. Champagnat, chegados a destino não podiam dirigir escolas, porquanto não existiam. Na prática, o que faziam era ajudar os Padres numa missão: viviam com eles, ocupavam-se das tarefas mais simples, aquelas que fazem os Irmãos coadjutores. O que fez com que, diversos entre eles, quando tiveram de regressar à França mais tarde, por doença, preferiram ir na casa dos Padres, considerando-se Irmãos coadjutores, porque sempre tinham vivido com os Padres.

Desde 1841 tentou-se remover o equívoco. Colin fala de separar claramente os dois ramos e os Irmãos coadjutores começam a ser recebidos nos noviciados dos Padres. O equívoco durou porque, os que entre eles partiam para a missão e que nada mais faziam do que ensinar o catecismo, eram chamados «Irmãos Catequistas», um título que convinha melhor aos Irmãos do Pe. Champagnat. O relacionamento Padres-Irmãos, no apostolado, sobretudo na Oceânia, sempre foi complexo e muitos elementos apenas foram esclarecidos pelo fim do século passado.

A propósito da correspondência entre Colin e Champagnat, conservam-se muitas cartas? O que transpira dessa correspondência?

A desgraça está em que as cartas do Pe. Champagnat não foram conservadas. Colin, em dado momento da vida, praticamente destruiu tudo. E uma correspondência na qual apenas se tem um lado é imperfeita. Precitaria saber bem o que Champagnat lhe dizia. Essas cartas revelam o temperamento de Colin, sua largueza de vistas na maneira de encarar toda a Sociedade, sua impaciência

—é um líder e seria necessário que tudo andasse— que o fez tornar-se excessivo, injusto, por vezes. Observamos isso, sobretudo, nas cartas à Madre Chavoin; há diversas que são verdadeiramente penosas e injustas para com ela. O mesmo acontece com Champagnat. A famosa carta que lhe escreveu a respeito de Verdélais: «*O senhor nunca compreendeu o objetivo da Sociedade*» —foi um pouco exagerada. As cartas nos revelam o temperamento do Pe. Colin; era o jeito dele.

De outro lado, parte da correspondência revela também a dificuldade que Colin sempre teve em bem conceber a obra dos Irmãos. Penso que Colin estava de tal forma preso pela primeira idéia de uma Sociedade com três ramos (Padres, Irmãs e Ordem Terceira) como as grandes ordens do passado, que não via como integrar a idéia repetitiva de Champagnat relativa aos Irmãos. O que é curioso na correspondência é que quando fala das Irmãs, sempre diz «nossas» Irmãs e quando fala dos Irmãos diz «seus» Irmãos. Nunca diz «nossos» Irmãos. Talvez fosse para evitar a confusão com os Irmãos coadjutores, mas acrescenta: «É negócio seu, foi o senhor quem o começou...» A correspondência revela a dificuldade que Colin teve de integrar plenamente esse aspecto em sua espiritualidade.

A correspondência também revela a estima que Colin tinha para com Champagnat. Apesar dos elementos de incompreensão, malgrado os momentos de impaciência ou de injustiça, vê-se que fala de Champagnat de uma maneira bem diversa do que quando se refere a Pompallier ou outros. Para ele, Champagnat é um verdadeiro Marista, forma idéia muito positiva a seu respeito.

Pode-se dar ao Pe. Champagnat o título de co-fundador dos Padres Maristas?

Exatamente. Em 24 de setembro de 1836, vinte Padres Maristas fizeram a profissão religiosa. Dez tinha sido reunidos em Belley e dez em Hermitage, junto ao Pe. Champagnat. Por causa disso, e apesar de algumas hesitações no começo para chamar Champagnat de co-fundador, foi finalmente Bento XV que o designou oficialmente assim num documento pontifício. Pessoalmente, insisto para que se lhe dê o título de «co-fundador», porque acho que é de toda justiça.

Colin sobreviveu muito tempo ao Pe. Champagnat. Quais foram as relações entre Colin e os Irmãos depois da morte de Champagnat?

Quando Champagnat morre, os Irmãos se voltam aos Padres; são eles que vão protegê-los e garantir-lhes o futuro. Colin tinha presidido à eleição do Ir. Francisco. Depois, um ato muito significativo teve lugar em 1842. O Pe. Colin vai partir para Roma para obter a aprovação das Constituições e convoca um Capítulo Geral dos Pa-

dres para falar-lhes disso. Os Irmãos então delegam o Ir. João Batista e Luís Maria, assistentes gerais, para ir ao Capítulo dos Padres «*Suplicamos-lhes —dizem eles— de não fazer aprovar suas Constituições independentemente das nossas. Formamos a mesma congregação.*» Os Padres ficaram muito comovidos e Colin prometeu de ocupar-se do assunto. Foi a Roma, falou nesse sentido e foi então que se deu conta que era Roma que não queria. O Cardeal Castracane explicou-lhe as inconveniências dessa união. Colin também não conseguiu fazer aprovar suas Constituições. Depois disso, o Ir. Francisco continua a submeter ao Pe. Colin, não os assuntos internos, mas os pedidos de fundação. Considera que esses pedidos estão, de alguma sorte, sob a responsabilidade do Pe. Colin. No início, Colin lhe respondeu, mas pouco a pouco, foi necessário fazer-lhe compreender que não cabia a ele decidir. A partir de 1845, o Ir. Francisco assume todas as responsabilidades.

Neste mesmo ano de 1845, precisamente, reúne-se o Capítulo Geral dos Padres no qual se vota esta proposição: «*É necessário de fato que o Superior Geral dos Padres continue a se considerar como Superior Geral dos Irmãos e das Irmãs?*» A resposta é «não»; é necessário que essas congregações se administrem por si mesmas. Votam simplesmente que se reservaria ao Superior Geral dos Padres um «direito de alta vigilância tanto espiritual como temporal» que lhe permitisse, eventualmente, lembrar aos Irmãos a observância do espírito da Sociedade. É alguma coisa muito vaga e que pouco significava.

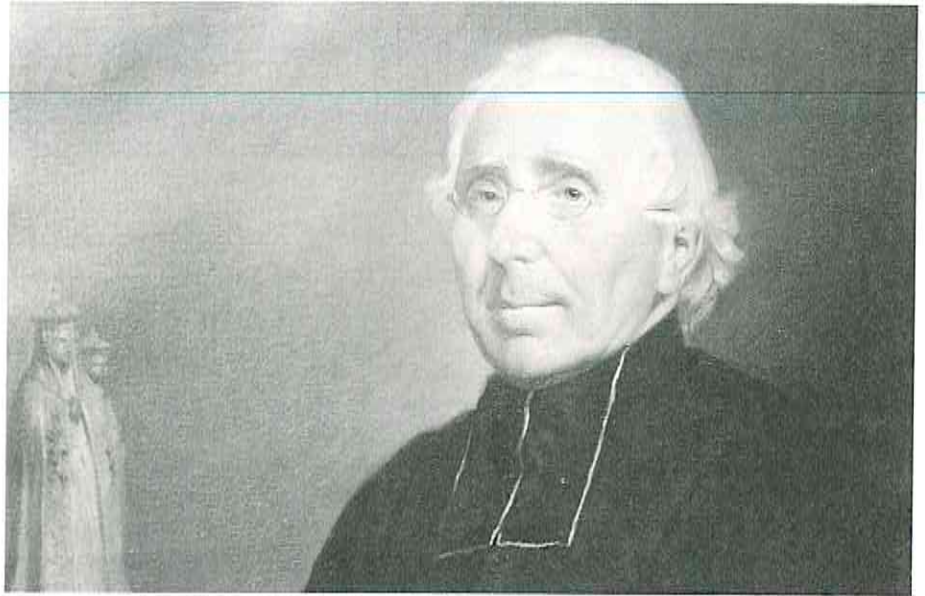
O passo decisivo deu-se em 1852, quando o Capítulo Geral aprovou as Normas comuns. Colin compareceu e disse: «Crescemos juntos, mas Roma não quer... Agora são plenamente adultos; assumam as responsabilidades. Talvez foi naquele momento que se deu a separação oficial, mas sem ruptura alguma.

O último ato foi em 1862. Em 22 de abril há abertura da primeira sessão do quarto Capítulo Geral, durante o qual um projeto de Constituições foi levado a conhecimento dos Irmãos capitulares. A sessão foi presidida obrigatoriamente pelo R.P. Favre, Superior Geral dos Padres Maristas, que assegura que o capítulo de não ter aceito a presidência senão «para lhe poupar um presidente menos amigo». Uma redação final das Constituições será feita após a análise e o voto de cada um dos artigos e sua aprovação pelo Cardeal De Bonald e o R.P. Favre.

Qual é a imagem de Colin que transpira de suas pesquisas?

Antes de 1955, não havia, no fundo senão uma imagem de Colin: aquela difundida pelo seu primeiro biógrafo, o Pe. Jeantin, homem notável mas que conheceu Colin quando este tinha mais de setenta anos. De Colin existia a imagem do ancião que diz: «*Atenção, cuidado, vocês moços, insistam no essencial, as virtudes ocultas, etc.*»

«Nossas pesquisas, com certeza, contribuíram para mudar a imagem de Colin.»



Apresenta um fundador que conduz ao essencial, mas com uma perspectiva ascética, faltando talvez grandes horizontes. É a imagem de um Pe. Colin que insiste muito sobre a idéia de Nazaré, que tinha grande importância na Igreja naquele momento em que se aproximava do pontificado de Leão XIII que ressaltava a ascese, as virtudes escondidas, etc.

Nossos estudos —e insisto em dizer «nós» e não «eu», porque sempre trabalhei junto com o Pe. Gaston Lesard— levaram-nos primeiramente a valorizar o homem do generalato. Colin não foi sempre idoso. Durante dezoito anos foi homem de atividade extraordinária. Então nos apercebemos, ao ler as dez mil páginas de memórias do Pe. Mayet, que nas palestras de Colin durante seu generalato, falava seguido da vida oculta, não no sentido ascético, mas no sentido apostólico. A vida oculta é também uma maneira de agir com os outros. Havia uma espiritualidade apostólica baseada nesta idéia de Maria na Igreja «desconhecidos e ocultos», mais simplesmente: a imitação de Nazaré. Desse lado, com certeza, contribuimos para mudar a imagem de Colin.

Depois, houve o estágio quando se descobriu Colin antes do generalato. Colin que é coadjutor, que não tem ainda a responsabilidade da Sociedade, que é capaz, por assim dizer, de sonhar. É a visão do Colin das origens, do grande tema de Maria, Mãe de misericórdia que quer salvar todos os filhos: —«No final dos tempos haverá apenas um grande Povo de Deus»— que hoje nos soa um pouco utópico. É o Colin que sonha e que nos ajuda a entrar em sua óptica e a compreender seu comportamento ulterior, durante o generalato.

Aí também descobri outra imagem de Colin. Agora tento sobretudo, em minhas pesquisas, descobrir o Colin dos últimos anos, —o que mais foi conhecido no começo— para ver como ele retoma, naquele momento, suas idéias primitivas. Idéias que atravessaram toda sua

vida, que são achadas no início e no fim e que, pelo fato mesmo, são as mais características. A partir disso, vou tentar reconstruir-lhe a espiritualidade. Acredito que o Colin verdadeiro deve combinar estas três imagens: o que, no início, sonha um pouco; o que, como Geral, consegue encarnar tudo isso na maneira de ser de uma Sociedade muito concreta; o que, pelo fim da vida, volta a certos pontos essenciais do começo. É unindo essas três idades que se terá o Colin verdadeiro.

A causa de beatificação do Pe. Colin, está avançando?

Não sou mais postulador, agora. Não acredito que se obtenham grandes resultados, porquanto há problemas enormes. Há certas declarações que o Pe. Colin fez pelo fim da vida, que não correspondem com a realidade. Espera-se que o progresso dos estudos históricos esclareçam tudo isso, porque agora seria difícil de levar a causa adiante.



La Neylière (França), lugar onde morreu e está sepultado o Pe. Colin.

MARCELINO CHAMPAGNAT E OS PADRES MARISTAS

*(Comunicado do Pe. Edwin KEEL, SM, a todos os Padres Maristas;
publicado em L'Étincelle Mariste, n.º 167, outubro 1989, pp. 8-9)*

O 20 de maio de 1989 marcou o duocentésimo aniversário de nascimento do Bem-Aventurado Marcelino Champagnat. Muitas vezes ouvi dizer que é de notar que os Irmãos Maristas ensinantes tinham, às vezes, perdido de vista o fato que seu Fundador era Padre Marista.

Qualquer que seja a veracidade desta observação, não nos esqueçamos, de nossa parte, de lembrar que é confrade nosso que trabalhou muito e sofreu mais ainda em favor de nossa Congregação e que a contribuição que deu para estabelecê-la foi, de alguma maneira, crucial?



Estátua de bronze na entrada da Casa Geral dos Irmãos.

Até o derradeiro suspiro (faleceu em 6 de junho de 1840, menos de quatro anos após a emissão dos primeiros votos em setembro de 1836), Champagnat apegou-se com tenacidade ao sonho inicial: formar a Sociedade de Maria com diversos ramos. Encaminhou várias candidatas para as Irmãs Maristas. Em carta ao Pe. Devie, sustenta os primeiros esforços de Colin para o estabelecimento da Ordem Terceira, em Belley, no início dos anos 30. No testamento espiritual, ditado somente três semanas antes da morte, quando os Maristas ainda tinham a esperança de fundar uma única congregação com diversas ramificações, Champagnat insiste na unidade de espírito, de coração, de vontade e de alma que deve reinar entre os Padres e os Irmãos da Sociedade de Maria, sob a liderança de um mesmo Superior Geral. Isso aconteceu apenas um ano depois que Colin, em uma carta bastante avinagrada, escrevera a Champagnat dizendo que não tinha compreendido o verdadeiro papel dos Irmãos e que esses Irmãos ensinantes fariam bem maior, se atendessem às necessidades temporais dos Padres ao invés de se dedicarem ao ensino, pelo menos nas cidades em que já existem possibilidades de formação da juventude.

Parece que Champagnat aceitou a reprimenda de Colin sem dificuldade. A adesão que manifestava à Sociedade de Maria tinha sobrevivido a grandes provações como: as interferências e o descalabro moral de Courveille, a deserção de Terrailon, quando Champagnat ficou doente e esteve à beira da morte e se achou em grandes dificuldades financeiras, um período de desânimo quando a Sociedade dos Padres parecia não querer levantar vôo, dos problemas com a comunidade de Padres aspirantes Maristas da diocese de Lião, residentes em Valbenoîte. A que preço pagou sua fidelidade, disse-o ele próprio: «A Sociedade dos Irmãos não pode ser considerada, só ela, a obra de Maria, mas apenas como um ramo posterior da Sociedade de Maria propriamente dita»; «Nada há que não esteja prestes a sacrificar para salvar do naufrágio a obra de Maria. Asseguro-lhes que acredito mais do que nunca que Deus quer esta obra.»

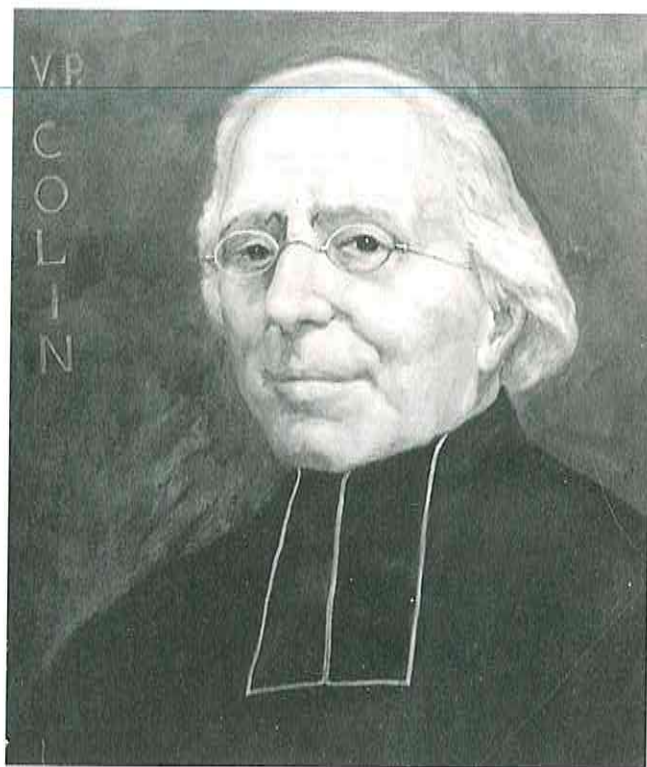
Demos graças a Deus por essa constância! Podemos nos perguntar com certeza, se a Sociedade de Maria teria jamais vindo à luz do dia se Champagnat não tivesse preconizado a eleição de um Superior Central em 1830, no momento em que Colin se mostrava excessiva-

mente prudente e hesitante; se não tivesse guardado vivo nele e na diocese de Lião o sonho de uma Sociedade com diversas ramificações; se não tivesse constituído um grupo florescente de Padres Maristas na referida diocese, dos quais oito ou nove fariam parte dos vinte primeiros professos de 1836.

Os Maristas, que vivem da tradição espiritual de Colin, muitas vezes se perguntam se Champagnat não desenvolveu entre seus Irmãos e não lhes legou uma tradição espiritual diferente. Não vejo as coisas assim. Um dos problemas é que Champagnat morreu trinta e três anos antes que a tradição de Colin se expressasse numa regra normativa para os Maristas. Além disso, nenhuma carta de Champagnat a Colin escapou das chamas às quais Colin condenou a maioria dos arquivos maristas primitivos: uma perda real nesse sentido, porque ressalvado o testamento espiritual, é principalmente na correspondência com os Maristas, além dos Irmãos, tais como Chavoïn ou Pompallier, que se encontra em Champagnat a utilização dos temas comuns a nossa tradição, *verbi gratia, a obra de Maria, um só coração e uma só alma, Maria fundadora e superiora*, o significado do nome de Maria dado à Sociedade.



Champagnat entre um grupo de Irmãos numa capela da Casa Geral.



Pintura a óleo do Pe. Colin (Casa Geral, galeria dos Superiores).

Sem dúvida, a espiritualidade que Champagnat transmitiu mais diretamente aos Irmãos parece bastante diferente da que encontramos em Colin. Da mesma forma que a tradição coliniana traz a marca dos dons mais idealistas e intuitivos de nosso fundador, assim os Irmãos herdaram de seu fundador, que os amava com amor intenso que transparece em todas as cartas ou nas relações com eles, uma espiritualidade mais afetiva. É dado realce ao aspecto do relacionamento filial com Maria, colocando-se o Marista na orbita do amor recíproco de Jesus e Maria. Pergunto-me se alguns de nós não achariam, na insistência dessa maneira de relacionar-se, um complemento útil à ênfase dada por Colin na identificação com Maria. De qualquer forma, os enfoques diferentes de Colin e de Champagnat nos permitem lembrar que a inspiração Marista inicial, nascida da experiência de Courveille em Puy e compartilhada pelos que fizeram a promessa de Fourvière em 1816, pode dar nascimento a mais de uma expressão criadora e frutuosa.

No momento em que os Irmãos Maristas celebram o segundo centenário do nascimento de Marcelino Champagnat, desejo que possamos nós também nos regozijar honrando um de nossos confrades, cujo antigo ofício de Matinas em sua festa, reconhecia que trabalhou *em união com João Cláudio Colin* na fundação de nossa congregação.

CERTO NÚMERO DE PONTOS COMUNS entre os diversos ramos da Sociedade de Maria

Extraído do livro PRESENÇA DE MARIA, do Pe. Antoine Forissier, SM.
Éd. Nouvelle Cité, Paris, 1990, páginas 279-285.

Antes de tudo, a referência à Santíssima Virgem. Para Joana Maria Chavoïn, é a de Nazaré; para João Cláudio Colin, a dos Atos dos Apóstolos, mais tarde, ele também irá buscá-la na casa de Nazaré; para Marcelino Champagnat e Francisca Perroton, é, numa hora, a «Santíssima Virgem» e, em outra, «a Boa Mãe», com o primeiro título pensando na maternidade universal, e, com o segundo, na lembrança mais precisa de Nossa Senhora de Fourvière com o coração de ouro no qual se encontra seu nome. Quaisquer que sejam o mistério, o lugar ou o título, a contemplação de Maria e a oração conduzem a todos os quatro a diversas atitudes semelhantes que se podem resumir em seis.

1. A ATITUDE EDUCATIVA

Em primeiro lugar, pode ser a *atitude educativa, acompanhada do espírito maternal, da paciência e do otimismo.*



Pe. Antoine Forissier, SM.

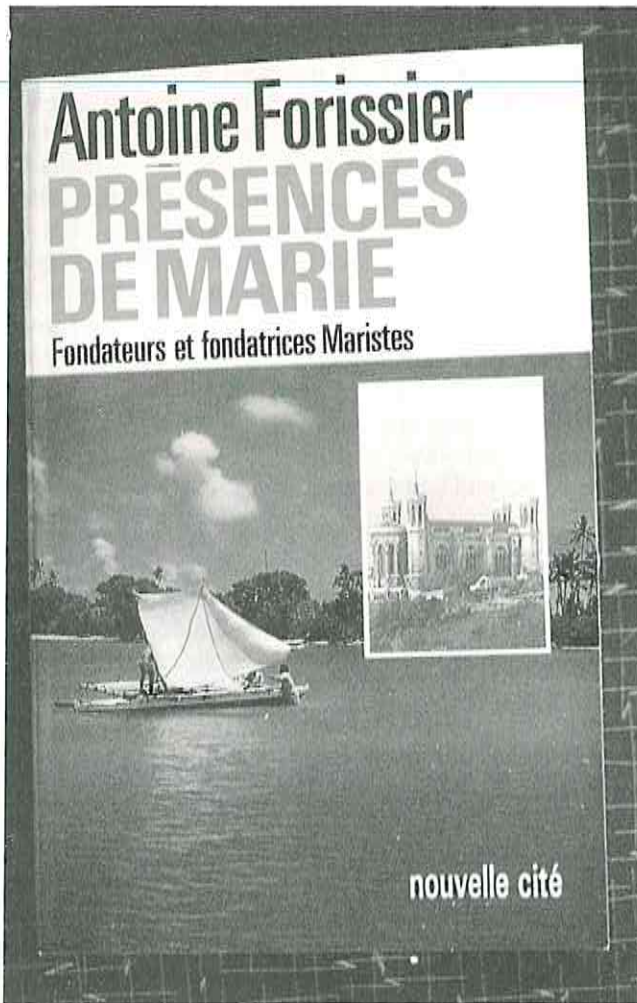
mo. Não importam as razões que os levam a isso, todos se ocupam da educação propriamente dita, mas — e não seja talvez uma deformação profissional — têm a tendência de pensar que, em geral, a evangelização é obra de educação, que requer tempo, e, por esse fato, paciência e um pouco dessa idéia cristã do tempo que se chama otimismo. Não consiste este em crer que o tempo não é vazio, que Deus pode agir no tempo, que tem sua hora para certas coisas? Uma paciência otimista, que se mudarmos os termos, se denomina esperança.

A característica mais típica dessa atitude, no entanto, é o espírito maternal, como o que isso supõe de percepção do indivíduo, de sentido da pessoa; cada um conhecido pessoalmente, pelo nome, na sua história própria e única, amado por Deus, como insistia Marcelino Champagnat. Joana Maria Chavoïn, debruçada sobre seu «Manuscrito de Cerdon», encontra facilmente algumas dessas histórias, com detalhes de palavras e acontecimentos. Marcelino Champagnat e João Cláudio Colin, que são padres, e vão atender confissões até nas montanhas e debaixo da neve, não têm necessidade de lembrar-se «que até uma só alma é uma grande paróquia». E o que dizer de Francisca e de suas companheiras cujas cartas fazem descobrir as princesas Amélia e Hortência, mas também uma série de Marcelina, Nominata, Ana, Sara, Maria Francisca, Carolina, Escolástica, etc.

O coração maternal, é ainda, junto com a atenção para cada pessoa, não apenas afeição mas a pedagogia positiva, o cuidado em fazer aparecer e desenvolver a parte boa de cada um, a confiança mais do que sua oposita, o encorajamento e a não deixar-se ir ao desespero.

2. O ESPÍRITO DE FAMÍLIA

Em seguida, vem o *espírito de família e, ao mesmo tempo, o espírito de abertura.* «A família de Deus», «a família da Santíssima Virgem», «um só coração, uma só alma», pensa-se nisso tanto a nível de comunidade como de obra. As noções de paternidade, maternidade e fraternidade espirituais assumem todo valor quanto é possível lhes dar, além das noções de solidariedade postas em revelo mesmo antes dos dias de hoje. Um lugar em que cada pessoa se sente reconhecida como tal pelos outros que formam juízo favorável a seu respeito. Pode contar, a priori, com a confiança, a possibilidade de



Capa do livro.

perdão sem reticências, ação de graças pelos talentos, desenvolvimento e bom êxito de todos. Um ideal mais do que uma receita, que pode atingir a qualidade do «Asilo» da Irmã Cruz na ilha de Pins (Oceânia): o reconhecimento ao qual se dá livre curso na despedida e deixa adivinhar quantas situações pessoais nas quais o amor partilhado foi princípio de crescimento, renovação, consolação, confiança recuperada, segurança, alegria ou felicidade.

E os que se apresentam para atender às necessidades são muitos: não há apenas as meninas e as jovens, há todos esses círculos concêntricos até onde a irradiação da «família» assim criada no asilo das crianças, até aos doentes que lhes solicitam de ir atendê-los em seus casos. Como em Bom Repouso, no Bessat do Irmão Lourenço, nos colégios de Valbenoîte ou de La Seyne, nos centros de Sigave e de Kolopelu, essas comunidades-famílias não se concentraram em si, mas se abriram a todos que a elas chegavam. O amor-caridade não é nem possessivo nem seletivo, é universal. Se a ação das Pioneiras, na Oceânia, dá àquele que a descobre a impressão de um novo Ato dos Apóstolos, é porque essa reali-

dade da «família aberta» atrai centenas de mulheres e crianças. Não é a maravilha dos milagres que as faz vir, é o maravilhoso e simples do amor-caridade.

3. A SIMPLICIDADE

O terceiro traço, presente em toda parte nas origens dos quatro ramos, é o que agora denominamos a simplicidade. O Irmão Balko explica em algum lugar que essa simplicidade, considerada como virtude, era novidade na época. Então as palavras «simples» e «simplicidade» evocavam antes ausência de educação ou mesmo de inteligência. O Padre Colin ao denunciar, um dia, num texto citado, o contra-senso que se poderia fazer a propósito desta palavra, confirma essa observação.

Aliás, a descoberta da simplicidade-virtude faz-se mais nos homens do que nas mulheres: é no ambiente do Padre Champagnat e do Padre Colin que se insiste nela. Pela simples razão que o domínio de aplicação desta nova virtude é habitualmente o do trabalho manual e dos pequenos serviços. Ora, havia naquele tempo trabalhos que eram feitos pelas mulheres e que os homens não podiam realizar, como cuidar da casa e da cozinha.



«Antes de tudo, a referência a Maria»
(Original de S. Maria V. Galen, Papua Nova Guiné).

E no próprio mundo dos homens, existiam trabalhos que certas categorias sociais não podiam levar a cabo dignamente: o eclesiástico que descobre o Pe. Champagnat nos andaimes o demonstra ingenuamente. É tão certo que Verlaine, muitos anos mais tarde, inventará dois versos decisivos que exprimem a nova sensibilidade, dando a impressão de uma descoberta: «A vida humilde, passada em trabalhos fastidiosos e comuns, é obra de valor que requer muito amor.» Que o homem e a mulher, numa família, se repartam o trabalho é uma coisa, mas que o primeiro evoca o de sua companheira com fórmulas mais ou menos desdenhosas: «é para mulheres», «trabalho de mulher», é outra.



«Uma atitude educativa cheia de paciência e otimismo» (catequista de Vanuatu).

A simplicidade faz cair essas barreiras. Depois que Jesus lavou os pés aos apóstolos, não há mais «otium» e «trabalhos servis», não há mais hierarquia de dignidade nas ocupações de uns e de outros: o serviço e o amor são os novos critérios. Os Pequenos Irmãos de Maria saberão cuidar da casa e da cozinha. Usar-se-á de luvas para dizer aos noviços padres, da Sociedade dos Padres, que «devem arrumar o quarto», mas o farão! O Pe. Mayet observará, com admiração, que o Pe. Colin também associava-se aos Irmãos coadjutores para tais serviços que lhe pareciam muito humildes. Evidentemente, ninguém fará essas observações a propósito de mulheres: é tão natural que elas executem esses misteres!

A simplicidade, além dessas barreiras, vem a talhar com a linguagem, o contacto com o mundo, a abordagem e a acolhida fácil, o sorriso e o serviço sem problemas, maneiras sem cerimônias e mais à vontade de desempenhar os papéis que a vida impõe a cada um, o papel de Padre, Religioso e Irmão como todos os outros.

4. A VIDA OCULTA

O quarto traço encontra-se nos quatro ramos, dir-se-á talvez que não há nenhuma surpresa, porque houve comunicações entre eles: trata-se desta atitude que vai além da simplicidade denominada *discrição*, «*vida oculta*», «*ignorado e escondido no mundo*» do Padre Colin que, já de seu tempo, se tornou uma fórmula. Foi o Pe. João Cláudio Colin que a ensinou a Joana Maria Chavoïn quando cuidava da paróquia de Cerdon; é o Pe. Eymard que a dá a conhecer a Francisca Perroton na primeira carta que lhe escreve, ao comunicar-lhe que foi inscrita na lista das senhoras da Ordem Terceira, essas piedosas mulheres «que procuram imitar a vida oculta da Santíssima Virgem». A comunicação com Marcelino Champagnat parece mais incerta.

Não basta, contudo, que um tema seja recebido para que seja vivido: há temas de João Cláudio Colin, relativos às religiosas, que Joana Maria nunca integrou em sua síntese pessoal. O sucesso de um tema depende muito da convivência mais ou menos consciente que se teve com ele. Este tema fez parte importante da espiritualidade de Marcelino Champagnat para que fosse necessário de o propor a ele. Concorda perfeitamente com o estilo de vida que é o de Joana Maria. No que se refere a Francisca, «sua pequena fantasia» fazia-lhe imediatamente propor o que ela chamava sua «proeza» do ideal de vida oculta. Sua proeza é de partir para aventura na idade de 49 anos. Apostamos que ela já tinha suas dúvidas. Teve que divertir-se muito nos colóquios espirituais com a Santíssima Virgem ao descobrir-se perdida em suas duas ilhas e missão. Ela obteve o primeiro lugar, sem discussão possível, em matéria de vida oculta.

Aqui, é ainda ao lado dos Padres que o tema é levado a maior precisão e reconhecimento de todas as implicações. Marcelino Champagnat exorcizou, desde o começo, tudo o que poderia ir contra ele, em nome da idéia cristã que se fazia da promoção: vê os Irmãos literalmente mergulhados num mundo que devem ajudar a desenvolver-se, a imagem evangélica do fermento na massa corresponde perfeitamente a seu projeto. As modalidades de esconder-se, descobertas de maneira prática e orientada, estão explicitadas nas normas e regulamentos: as condições de vida, de trabalho escolar e não-escolar, a reserva no relacionamento com os notáveis, etc.

Viu-se o Pe. Colin passar sobre este tema da intuição para a reflexão, mostrar como pode marcar os detalhes da vida pessoal, comunitária, apostólica. Está consciente das possibilidades de renovação da Igreja que se acham como que depositadas nela.

5. A AÇÃO DO HUMOR

A quinta característica comum é a do *trabalho e do humor* que com ele se relaciona. Joana Maria tinha inscrito o amor ao trabalho no programa de Nazaré: a casa podia muito bem denominar-se Bom Repouso. Era necessário viver na comunidade aberta que aí se abrigava. O trabalho não faltava. O Padre Colin pensava, às vezes, que era excessivo. Poderia ter feito as mesmas reprimendas ao Padre Champagnat que estava arruinando a saúde. Ele próprio até ao fim do generalato não dará mau exemplo nesta matéria. Quanto a Francisca, sabe-se que na idade da aposentadoria, que habitualmente se cansa de pressa com as crianças, não colocou nenhum freio à vida de comunidade ativa que levava com toda a gente.

O humor perante o trabalho? Francisca repete em todas as cartas que não faz nada. Para o Pe. Colin e o Pe. Champagnat, é Deus e a Virgem que tudo fazem. A diferença apenas reside na maneira de expressá-lo. No que se refere a Joana Maria, que espera a hora da Providência, quando for necessário, se encontra um dia despojada de sua obra. Não duvida em momento nenhum que Deus e a Virgem serão mais fortes que as divergências que aparecem e que, se começaram alguma coisa com ela, saberão fazer sem ela as correções necessárias.

O humor é aqui essa disposição espiritual que introduz certa distância entre a ação que a gente se propõe e a



«Um só coração e uma só alma: a Família de Maria» (Padres, Irmãs e Irmãos na Inglaterra).



*Celebração
comunitária
dos quatro
Conselhos Gerais.*

força que Deus lhe dá. É necessário agir, sem dúvida, fazer da melhor forma o que deve ser realizado, mas com confiança que é Deus que move os corações através dessa ação. Princípio de paz no insucesso como no sucesso, o humor encontra-se até no fracasso tornado sacrifício. Desde a cruz, avalia-se o fiasco, para bem da obra, com mais valor, talvez, do que o êxito. Princípio de liberdade em que o autor da ação não é mais sobrecarregado por ela e cessa de confundir-se com ela. Princípio, nas horas mais comuns, de sorrisos e de distensão que vai até à bem-aventurança de José Folliet: «Bem-aventurados os que sabem rir de si próprios, porque não acabarão de divertir-se.»

6. A PRESENÇA DE DEUS

Esse humor-introduz para a sexta característica comum: *a presença de Deus mais ou menos permanente que funda uma espiritualidade da ação*, estudada mais especialmente no capítulo do Pe. Colin. A ação não é um dispendio de forças. Vivida com Deus antes de começá-la, durante que se a executa e depois de concluída torna-se presença de Deus com todo ser, expressão completa do duplo amor a Deus e ao próximo, fonte de santificação pessoal, e, longe do ativismo e da agitação, acha-se mais lesta, imbuída, de certa maneira, desse poder do espírito ao qual S. Paulo se referia muitas vezes.

*Amor ao trabalho,
traço distintivo marista
(noviços em Save, Rwanda).*



Temas maristas

No ponto de partida dos diversos ramos, houve muita insistência sobre esta vida espiritual, a vida de fé e de oração, o contacto com a Santíssima Virgem e o céu. Diz-se e torna-se a dizer que foi isso que encheu a existência e ação não somente de luz, força e paz, mas de alegria mais profunda que as provações e de um amor capaz de transformar tudo. Encontra-se essa disposição em Joana Maria Chavoin e Maria Jotillon, em Marcelino Champagnat e Gabriel Rivat, que comenta as normas quando o Fundador ainda vivia, em João Cláudio

Colin, com abundância da particularidades, nas Constituições e Entretenimentos Espirituais. É a alma de seus ensinamentos. Francisca, de seu lado, permanece discreta, dir-se-ia que as confidências que se encontram em suas cartas escapam sem que ela pense: é necessário esperar a Irmã Cruz para ter sobre esse tema fundamental considerações da mesma qualidade dos outros guias, marcadas de um acento que lhe é próprio e das quais pode-se ler alguns extratos.



*Presença de Deus, base da espiritualidade na ação
(capela da residência marista de Los Molinos, Madrid).*

ENTREVISTA COM O PE. ALBERT DIANI Vigário Geral dos Padres Maristas

Por obséquio, Padre, poderia fornecer-nos o número de membros da Sociedade e os países em que trabalha?

Em 1º de janeiro de 1990, o número de Padres e Irmãos na Sociedade de Maria era de 1639. Há 15 províncias, 4 distritos missionários sob a Administração Geral e duas regiões missionárias relacionadas com províncias. Os países onde trabalhamos são: Austrália, Nova Zelândia, Oceânia, Japão, Estados Unidos, Canadá, México, Peru, Venezuela, Brasil, França, Inglaterra, Holanda, Alemanha, Itália, Espanha, Irlanda, Noruega, Senegal, Camarões e Burundi.

Qual é o estado atual das vocações?

Em geral, são numerosas nos países do Terceiro Mundo como o México, Peru, nos países da África e da Oceânia, mas são muito reduzidas nos países do Primeiro Mundo: América do Norte, Europa e Pacífico. A Itália experimentou, recentemente, um aumento especialmente devido ao envolvimento dos Maristas italianos com os movimentos de néo catecúmenos. Temos em grande apreço a ajuda dos Irmãos Maristas que nos enviam candidatos no Zaire e nos Camarões.

Em 1º de janeiro de 1990, havia setenta e cinco seminaristas pós-professos em toda a Sociedade. Isso baixou em comparação com os noventa e cinco existentes dois anos antes. Nossa esperança reside especialmente no surgimento de vocações nos países em desenvolvimento. O número de membros da Congregação deixará de decrescer ou pelo menos se estabilizará. (Pergunto-me se os Irmãos Maristas já atingiram esse ponto de estabilização). Há o problema do discernimento das vocações onde são abundantes e desenvolver



*Pe. Albert Diani, americano,
Vigário Geral SM.*

o estímulo para o projeto Marista nas terras industrializadas.

Quais são os elementos mais importantes da espiritualidade dos Padres Maristas?

Os Padres Maristas derivam a espiritualidade especialmente do pensamento e das ações dos fundadores e do primeiro Superior Geral, João Cláudio Colin. Viveu 85 anos e suas idéias e ações foram preservadas pelo Pe. Mayet que deixou cópia diária detalhando os ditos e atos de Colin durante seu generalato de 1836 a 1854.

Está essa espiritualidade bem em consonância com a inspiração de Maria?

Maria, para nós, é menos um objeto de devoção do que uma pessoa com quem permanecemos e com quem procuramos nos identificar em espírito com seu trabalho em favor do povo de Deus.

Colin estava convencido de que Maria tinha manifestado seu desejo para

que se estabelecesse uma congregação que lhe trouxesse o nome. Em parte, por meio dessa congregação, ela mostraria seu amparo à Igreja dos tempos modernos, como o foi para a Igreja primitiva. Por meio de sua presença oculta e orante, foi o apoio dos Apóstolos. Será isso também para os apóstolos de hoje, e ao imitar seu modo escondido, seriam uma fonte graças para a Igreja, ajudando-a a desenvolver-se num povo de Deus marial. A nova Igreja marial seria uma Igreja de misericórdia, modelada em Maria, Mãe da misericórdia. Evitaria o triunfalismo e qualquer semelhança com ambição e fome de poder e prestígio. Identificar-se-ia com os pobres e humildes, por meio deles chegando a uma compreensão melhor do Evangelho.

Vinte e cinco anos após o Concílio, como a Congregação experimentou essa renovação?

Nossa experiência tem sido semelhante a da maioria das congregações religiosas apostólicas. Escreveram-se novas Constituições que foram aprovadas. Mudamos para uma forma de governo mais descentralizada. As decisões são tomadas de modo mais democrático e participativo. Dependemos menos das estruturas e mais em desenvolver as coisas de maneira interpessoal. Procuramos ter maior apreço para o talento e carreira de pessoa, tentando integrar tudo isso no projeto da Sociedade ou da província. No apostolado, tendemos sair da educação formal nas escolas para diferentes tipos de educação nas paróquias e nas casas de retiro. Alguns foram dedicar-se ao trabalho direto com os pobres. Tentamos avaliar os apostolados a fim de assumir em toda parte uma atitude de evangelização mais missionária.

O aspecto negativo dessa mudança de objetivos mais delineados — por exemplo, os Maristas não devem dedicar-se mais às escolas e às missões estrangeiras — há também menos espírito de corporação advindo do fato de não ter mais finalidades comuns. Sente-se a necessidade de consenso sobre os objetivos concretos. Há necessidade de colocar o enfoque na Sociedade como um todo e nas províncias tomadas individualmente. Essa necessidade se evidencia no apelo em todos os níveis para alguma forma de afirmação missionária. Lá onde os objetivos são claros, como no Terceiro Mundo, as vocações são numerosas. Onde são ambíguos, as vocações são reduzidas.

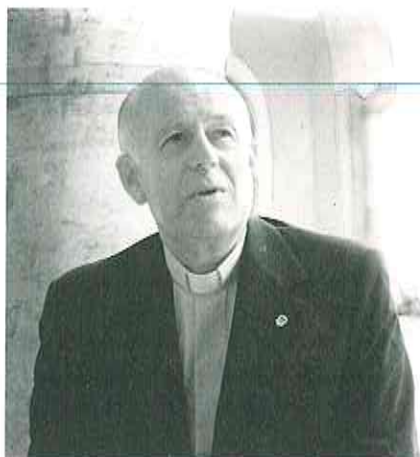
Como encara a missão apostólica dos Padres Maristas presentemente?

Não penso que haja uma resposta geral para esta pergunta, por exemplo, dizer simplesmente que a missão é de paz e justiça, ou a educação nos colégios, etc.

Julgo que os Padres de cada país ou área deveriam juntar-se e impor-se muitas vezes a pergunta: Qual é a maior necessidade do povo de Deus em nosso país ou região? Deveriam indagar-se isso freqüentemente até chegar a algum consenso ou resposta. As decisões apostólicas seguir-se-ão então como a noite sucede ao dia.

Quais deveriam ser os critérios para suas prioridades apostólicas?

Há critérios Maristas gerais que nos ajudam a fazer escolhas sobre nosso apostolado, por exemplo, devemos trabalhar bem unidos com a igreja local; nosso trabalho deveria ser da espécie que transforme a Igreja despertando-lhe a consciência marial; não devemos trabalhar sozinhos, mas em comunidade, em toda parte devemos dar realce ao trabalho com os pobres e desamparados, Contudo, as decisões apostólicas não podem ficar nesse nível de alguma coisa vaga. Há necessidade de um enfoque, do estabelecimento de prioridades. Estas não serão as mesmas



Pe. John Jago, australiano,
Superior Geral dos Padres Maristas.

em toda parte. Há necessidade de identificar objetivos definidos em cada área geográfica. Temos de analisar concretamente as necessidades espirituais e materiais de certo lugar e procurar resposta a tais necessidades em reflexão teológica e pastoral.

Na análise final, os Maristas devem dispor-se a deixar de lado considerações desnecessárias da própria carreira para dedicar suas energias aos objetivos comuns, mas isso não acontecerá se as finalidades não ficarem mais claras e forem aceitas como objetivos pela maioria. O que estamos procurando é a reformulação do espírito de corporação que existia

quando a educação formal nas escolas e o trabalho nas missões do exterior ou do país eram nossos objetivos principais. Agora os objetivos não são tão claros e simples. Serão objetivos novos importantes para certas áreas geográficas ou culturais. Dito em poucas palavras: estamos procurando uma resposta em conjunto para os novos sinais dos tempos da maneira como nos interpelam de formas diversas, nas diferentes partes do mundo.

O perigo reside em que ao escrever normas missionárias comecemos pelo lado errado. Quero dizer que comecemos por nos indagar: que tipo de coisas eu ou (nós) gostaria de fazer? Depois, projetar isso como necessidade em determinada situação. Esse é o perigo numa cultura baseada na promoção pessoal. Temos de cuidar que as pessoas se sintam realizadas e não frustradas. Mas existe também o outro extremo: que nos tornemos por demais preocupados conosco, fiquemos enrolados em vez de nos tornar mais objetivos e nos perguntemos o que nossa situação nos pede para fazer? Quais são as necessidades clamorosas de nosso tempo?

Quais são os grandes desafios da Congregação nesta época?

Os grandes desafios são o crescimento em termos de quantidade de pessoal e qualidade de vida comunitária e pastoral. Todas estas necessidades estão ligadas entre si. Temos necessidade de vocações se quisemos ter futuro. Não conseguiremos vocações enquanto a qualidade de nossa vida não melhorar e especialmente até que os aspirantes tenham o sentido que nos estamos movendo juntos para uma missão clara e que seja realmente uma missão religiosa.

O movimento para o pluralismo foi benéfico mas também nos debilitou. O próximo passo deverá ser em direção de alguma forma de consenso, um consenso ao qual se chega não por um fiat autoritário, mas partindo de baixo através do diálogo e da refle-



Emblema da Sociedade de Maria.



Vista dos fundos da Casa Geral dos Padres Maristas em Roma.

xão em conjunto. A direção deve ser também religiosa e cristã. Por isso quero dizer que devemos cuidar para não substituir a religião com outras coisas, tais como a sociologia, a psicologia ou mesmo a moral concebida de maneira inteiramente humana. São todos instrumentos válidos mas não podem deixar esconder o fato que somos religiosos comprometidos com uma tarefa religiosa. A tarefa religiosa existe para, de alguma forma, levar as pessoas ao contato com o Deus transcendente e por meio dele produzir o amor ardente dos irmãos e irmãs.

Que motivos têm de esperança?

A formulação de propósitos de missão a nível de capítulo geral como dos provinciais dão-me esperanças. Mostram que, pelo menos em nível intelectual, existe a consciência da necessidade de conseguir a unidade e o espírito de corporação. O grande desafio agora é de transferir essa convicção da mente para o coração. Há necessidade da conversão dos corações e de uma redescoberta da vontade de sacrificar-se em benefício dos objetivos que a comunidade julgar importantes. Nossa esperança maior é Maria, a quem as Constituições de todas as congregações da Família Marista concordam

em chamá-la «nossa primeira e perpétua Superiora» e a quem os Irmãos Maristas gostam de referir-se como seu «recurso habitual».

Quais são as prioridades do Conselho Geral?

Podem ser resumidas assim:

1. Nova captação da visão Marista original por meio de cursos e programas sérios na formação Marista permanente.
2. Conversão do coração pela oração e reflexão sobre a espiritualidade marista.

3. Maior realce ao empenho missionário em toda nossa pastoral, com maior enfoque sobre os pobres e rejeitados.
4. Maior relacionamento e cuidado a nível da vida comunitária.
5. Estilo de vida mais pobre.

O que significa a celebração do bicentenário de Colin para os senhores?

Com franqueza, os Padres Maristas não estão tão impressionados com as celebrações de Colin como deveriam. Por que? Penso que é ser franco dizer que não são tão apegados de uma maneira pessoal ao Pe. Colin como os membros das outras famílias Maristas são para com suas fundadoras ou fundador. Muitos observamos a grande afeição que os Irmãos Maristas evidenciaram para com Champagnat e notamos que nosso relacionamento com Colin é diferente. Isto deve-se provavelmente ao fato de que Champagnat era franco, sem complexos, uma pessoa sincera, uma pessoa que evidentemente amava os Irmãos e cativou o amor deles. Colin era pessoa algo complexada, pessoa de muitas rugosidades, mas também alguém que possuía intuição espiritual profunda. Uma pessoa de intuição é respeitada, mas não necessariamente amada ou seguida, a menos que aconteça que seja ao mesmo tempo amável



Celebração do bicentenário do Pe. Colin na capela da Casa Geral.



Intervenção do Pe. John Jago, durante a celebração do bicentenário.



Três Superiores Gerais Maristas: Irmãs Missionárias, Irmãos e Padres.

Para mim, pessoalmente, o bicentenário é um momento hermenêutico. É uma ocasião para vivermos o presente e escutar o passado num esforço para pensar em nosso futuro, um futuro fiel com as profundas inspirações de Colin e os Maristas de primeira hora. É tempo de escutar outra vez o chamado de Maria que Colin ouviu e responder-lhe de forma nova. Colin estabeleceu estruturas que deram expressão à óptica Marista de seu tempo; nossa tarefa consiste em criar estruturas de comunidade e apostolado que tragam a óptica para nosso mundo e época.

Como encara o relacionamento Padres-Irmãs-Irmãos agora e quais suas esperanças para o futuro?

Acho que o relacionamento melhorou muito. Há muito mais contacto e ajuda mútua. A história de nossa vida juntos não tem sempre sido suave. O próprio Pe. Colin não tratou sempre de maneira bondosa os outros fundadores. Os Padres não estiveram sempre livres do clericalismo do clero e muitas vezes consideraram que o fato de ser Padre era mais importante do que ser Marista. Em minha opinião, as coisas agora mudaram para melhor. Certamente, existe muito mais cooperação con-

creta tanto no Primeiro como no Terceiro mundo. Os Conselhos Gerais reúnem-se regularmente. Há esforço conjunto no apostolado. Um livro «Présences de Marie», pelo Pe. Antoine Forissier, apareceu justificando as vidas dos três fundadores e das pioneiras da SMSM. Existe interesse crescente na espiritualidade Marista entendida por cada uma das congregações. Diversas outras congregações foram formadas pelas Irmãs SMSM na Oceânia. Há o trabalho de formar outra congregação feminina seguindo a espiritualidade do Pe. Champagnat. Existe grande interesse da parte de cada congregação concernente à divulgação de nossa espiritualidade entre os leigos.

Muitas iniciativas foram tentadas. Acredito que tudo isso são sinais de esperança.

Penso que seria importante traçar as diferenças bem como as semelhanças na maneira como as diversas congregações desenvolveram esta espiritualidade. Pode indicar as profundezas ou uma unidade maior que nunca imaginávamos que existisse aí. Pode levar ao enriquecimento mútuo e, por fim, a uma maior partilha no apostolado em conjunto e com os leigos.

Possa Maria, nossa Mãe, ajudar-nos a identificarmo-nos com ela para produzir uma Igreja compassiva e misericordiosa.



Um momento da celebração dos quatro Conselhos Gerais.

ENTREVISTA COM O PE. ROBERT BARBER, SM

Robert Barber, 42 anos de idade, é padre Marista de Canberra, Austrália. Em 1987 foi designado capelão do Centro Internacional Marista de Nairobi. Os três anos de trabalho lado a lado com os Irmãos foram uma bela experiência e uma prova de que a cooperação não é mera palavra. Há pouco, seu contrato foi renovado para mais três anos.

Padre Roberto, que tipo de contacto com os Irmãos Maristas teve antes de chegar aqui?

Quando minha família se mudou para Newcastle em 1962, tive a felicidade de obter uma vaga na escola dos Irmãos em Hamilton. Passei cinco anos muito felizes lá. Foi durante o tempo que passei em Hamilton que os Irmãos me dispuseram a considerar minha vocação e foram eles que me encaminharam para os Padres Maristas.

Em 1971-72, quando tive de fazer alguns estudos seculares e profissionais, durante o curso no seminário, os Irmãos Kieran e Cornelius conseguiram-me um lugar no C.E.E. (Colégio Católico de Educação), a nova escola de formação de professores, administrada em conjunto pelos Irmãos Maristas e Lassalistas. Durante esses dois anos, sempre fui bem recebido no Colégio Champagnat de Dundas. Os Irmãos fizeram sentir-me à vontade.

Na Austrália, ao trabalhar nas escolas dos Padres Maristas, entre 1977 e 1988, tive alguns contactos ocasionais com as escolas dos Irmãos, na proximidade, primeiro na cidade de Campbell e, depois, em Lismore na Gales do Sul.

Como veio parar em Nairobi?

Os confrades, conhecedores de meu interesse pelas missões e meu profundo apego aos Irmãos, orientaram-me para que me apresentasse para atender a um pedido que apareceu no INTERCOM, nosso boletim da Casa Geral, no sentido de ser capelão da nova casa de formação pós-noviçado dos Maristas em Nairobi. Demonstrei algum interesse. A notícia chegou a meu Provincial e o passo seguinte foi um telefonema do Ir. Charles acolhendo-me a bordo. Não lastimei meu gesto nenhum minuto.

Quais são suas principais atividades no M.I.C?

Na qualidade de capelão, ajudo com os trabalhos de meu ministério (por exemplo, a missa diária). Como parte da equipe de acompanhamento, devo atender a um grupo de jovens Irmãos. Ensino um pouco, espe-

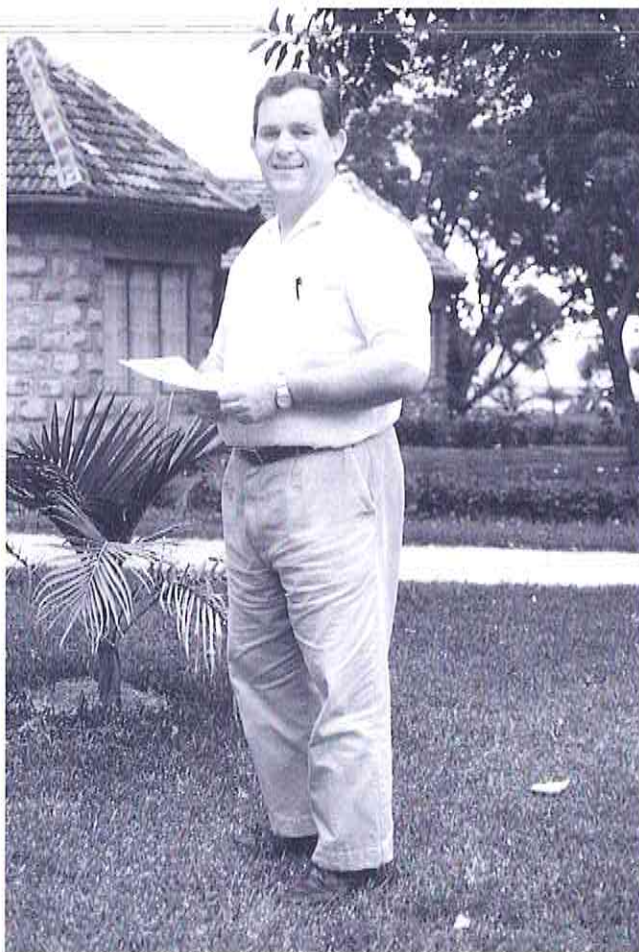
cialmente inglês para os Irmãos de fala francesa. Supervisiono a cozinha do M.I.C. e faço outros trabalhos aqui e acolá.

Gostaria de compartilhar suas experiências de vida com os Irmãos Maristas em Nairobi?

Para mim, está sendo uma experiência maravilhosa. Certa vez, fiquei seis semanas com os Irmãos Maristas na Austrália e já sabia antes de vir para cá que eu gostaria muito. Um clima de família caracteriza o Centro de Nairobi. A vida com os Irmãos me ajudou a desenvolver um amor mais profundo para com Maria e seu jeito de fazer as coisas.

Há outros Padres Maristas na África?

Sob a responsabilidade da Administração Geral, os Padres Maristas abriram oficialmente o Distrito da África em abril de 1989, na África Ocidental de fala francesa.



«Minha experiência de vida com os Irmãos tem sido maravilhosa».

O Distrito está crescendo rapidamente. Há já um bom grupo de jovens em formação. Carta recente, vinda da Casa Geral, informou que foram os Irmãos Maristas do Zaire que enviaram um bom número de candidatos ao noviciado do Senegal. Há grande esperança entre os Padres Maristas que esse projeto seja um novo impulso para lançar mais raízes no mundo Marista.

Quais as características de Colin e Champagnat que acha de maior importância?

Champagnat e Colin foram ambos homens de visão, muito determinados e corajosos. O que conseguiram, ao fundar as duas Congregações Maristas, é notável. Havia tantos problemas diante deles e sempre tiveram de combater, mas permaneceram fiéis a seu ideal e à sua vocação Marista. O que se nos pede hoje na refundação de nossas Congregações é difícil, mas não mais árduo do que o trabalho realizado por Colin e Champagnat —sem dúvida, até será bastante mais fácil! Existe muita coisa que os filhos de Colin e de Champagnat podem fazer hoje, especialmente o empenho de transmitir aos leigos o carisma e a tradição do espírito de Maria, existente em nossos respectivos institutos. O que necessitamos é de uma boa dose de esperança.



«É muito o que podem fazer hoje os filhos de Colin e de Champagnat.»

IRMÃS MARISTAS: PASSADO E PRESENTE

I. NOTA BIOGRÁFICA DE JOANA MARIA CHAVOIN (Madre São José)

Joana Maria Chavoïn, fundadora das Irmãs Maristas, nasceu em 29 de agosto de 1786 em Coutouvre (Loire). Depois de uma infância da qual pouco se sabe, aparece na idade de dezesseis anos, como auxiliar do vigário, Pe. Guillermet, ligada por amizade com uma companheira, Maria Jotillon, na associação do Amor Divino, fundada pelo jovem seminarista, Lefranc.

Em 1810, trava conhecimento com o novo coadjutor, Padre Colin que vai passar quatro anos em Coutouvre. Com Maria Jotillon faz retiro com os cartuxos, em Lião e tem relacionamento freqüente com o vizinho convento de Pradines. O Cardeal Fesch, amigo do convento, insiste para que Joana Maria opte por uma comunidade existente, mas ela decide esperar. Outras pressões são feitas sobre ela para que se junte com as professoras reunidas na casa de Belleville, mas ela não vai lá, embora deixe partir Maria Jotillon.

Em 1816, o Pe. Lefranc, que longe de ficar seu diretor, diz-lhe esta palavra que deveria tornar-se profética: «Você não está destinada a uma comunidade já começada, mas para uma que vai começar.» Com efeito,



Joana Maria Chavoïn (Madre São José),
Fundadora das Irmãs Maristas.

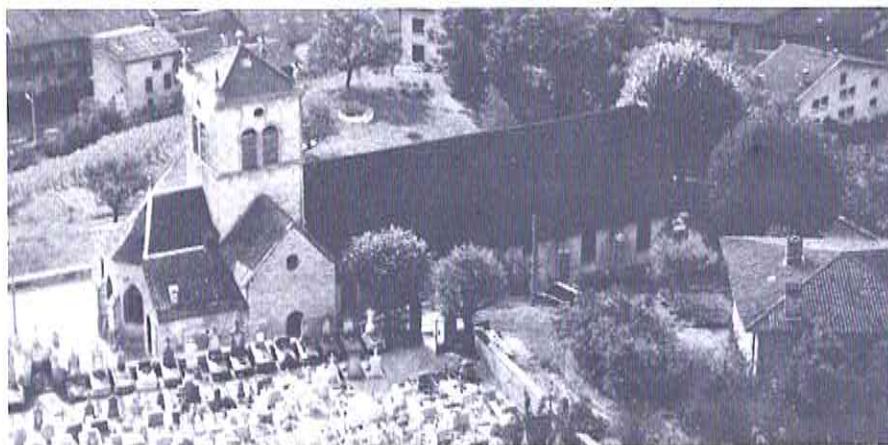
pelo fim de 1817, chamada a Cerdon para começar o ramo feminino da Sociedade de Maria, vai para lá com Maria Jotillon, alojando-se por algum tempo com as Irmãs de São José, em seguida, tendo enviado Maria Jotillon para Saint-Clair, vai ao presbitério como governanta e compartilha das preocupações do Pe. Colin para o projeto da Sociedade de Maria. Ela mesma fez diversas diligências em favor da Sociedade tanto em Lião como em Puy. Aliás, faz vir ao presbitério seus sobrinhos Millot.

Com a chegada do Pe. Devie, obtém a permissão de se reunir com Maria Jotillon, que busca em Saint-Clair. Em breve se estabelece com ela e Maria Gardet em Cerdon. Em 6 de junho de 1824, teve lugar a bênção do primeiro hábito provisório seguida, em 8 de dezembro do mesmo ano, da primeira cerimônia de vestição, acompanhada da eleição de Chavoïn como Superiora Geral sob o nome de madre São José.

Depois de um ano e meio de permanência em Cerdon, a comunidade parte para Belley e se estabelece na casa de campo do bispado, dita Bom Repouso. Este estabelecimento permanece o único da congregação até 1835. A primeira fundação realiza-se em Meximieux em novembro de 1835 e, depois em 1836, outras se seguirão em Lião e Sainte-Foy.

A Madre São José deve fazer face então às necessidades de uma congregação em expansão, estabelecida em duas dioceses e isso no momento em que, não, podendo esperar a aprovação de Roma para uma Sociedade de Maria com diversos ramos, o Pe. Colin tenta fazer das Irmãs Maristas uma congregação diocesana. Segue-se entre o fundador e a fundadora um período de incompreensões cruciantes que se encerra com a demissão da Madre São José e a eleição, como segunda Superiora Geral, da Madre Ambrósia. A Madre São José retira-se primeiro em Meximieux, depois, em 1855, na cidade de Jarnosse, perto de Coutouvre, onde funda pequena obra paroquial. Lá morre em 30 de junho de 1858.

Cartas de M.J.B. Champagnat,
vol 2, RÉPERTOIRES, Rome.



Igreja paroquial de Cerdon, berço das Irmãs Maristas.

II. ENTREVISTA COM O CONSELHO GERAL DAS IRMÃS MARISTAS

Qual foi a contribuição de Joana Maria Chavoin para a Sociedade de Maria?

Joana Maria Chavoin aceitou de bom grado o esquema do Pe. João Cláudio Colin, especialmente, reproduzindo em si a *vida oculta de Nazaré*, pelo fato que ela já estava vivendo, sem o saber, esta situação.

Em Coutouvre, depois em Cerdon e Belley, e mais especificamente em Jarnosse, passou os últimos dias da vida ensinando às Irmãs a reproduzir as virtudes de Maria em Nazaré.

Mulher comum da aldeia, sempre disposta a atender às necessidades das pessoas, discreta mas eficiente, humilde e escondida, meditando todas as coisas em seu coração, aberta ao Espírito que, um dia, a guiaria à Sociedade de Maria, esperou com paciência o chamamento de Deus. Em época de provação, demonstrou ser paciente e corajosa e com certeza, ofereceu à Sociedade de Maria sua vida marcada do «espírito Marista».

Sua maneira de compreender o *desconhecido e ignoto*, de forma alguma, se conformava com o do Pe. Colin que fora traçado para ela e suas Irmãs, isto é, viver atrás das paredes, a portas fechadas. Pelo contrário, Joana Maria Chavoin queria ser *fermento na massa*, ou como Jesus, Maria e José em Nazaré. Em outras palavras, a família simples entre outras famílias da povoação, mas muito mais eficazes na difusão do Reino.

Foi escrito que Joana Maria Chavoin foi mulher muito sensível e prática.

Essa maneira de perceber as coisas influenciou a vida religiosa das Irmãs Maristas?

Joana Maria partilhava com Maria a habilidade para sentir e perceber as necessidades dos outros e ver o que fazer e a quem recorrer ajuda sem pânico.

Sabia que não queria a vida religiosa como a conhecia pela tradição e pelas religiosas de seu ambiente. Sua visão era profética, a de uma pre-



Uma jovem aspirante colombiana organiza um jardim da infância.

sença ativa e orante entre as pessoas, especialmente as mais desamparadas. Foi sua maior dor e com coragem suportou o desencanto, quando o Pe. Colin receou que as Irmãs se desenvolvessem dessa maneira.

O Pe. Colin influenciou a espiritualidade das Irmãs Maristas?

João Cláudio Colin deu e deixou às Irmãs Maristas sua inestimável visão da vocação marista, seu sentimento de identidade com Maria:

Que procurem sempre transpirar-lhe o espírito...

Devem pensar como Maria, sentir e agir como Maria em tudo...

Como disse antes, a maneira de Colin de ver o ignoto e oculto foi dife-



Irmã cuidando de um ferido em Fidji.

rente de Joana Maria. A maneira de ver do Padre prevaleceu em várias primeiras gerações de Irmãs Maristas.

Houve outros pontos de vista diversos dos do Padre Colin?

1. *O nome.* Desde o início, não queria que as Irmãs fossem conhecidas como Irmãs Maristas, mas Irmãs do Santo Nome de Maria. Joana Maria Chavoin não se importou muito na época, mas devagarinho ganhou tempo e, no fim, prevaleceu por serem conhecidas como Irmãs Maristas.
2. *O estilo de vida.* Joana Maria não queria a semiclausura que Colin queria para as Irmãs. Ela estava preparada para assumir os riscos de ir entre os necessitados sempre e onde fossem encontrados, no interior das cidades ou nos campos.
3. *Conflitos de autoridade.* Não houve reais conflitos de autoridade, dado que Joana Maria sempre reconheceu que João Cláudio Colin era o recipiente dos desejos de Maria para a Sociedade. Submeteu-se sempre, embora muitas vezes com grande dor e desacordo interior. Ela foi paciente, leal e intrépida.

4. *As Constituições.* Joana Maria escreveu o Regulamento para as Irmãs porque Colin demorou muito em dá-lo. Sempre viu nele a obra de Colin, porque nunca deixou de lembrar-lhe até que este, finalmente, o escreveu.

Quais são as principais características de sua espiritualidade marial, no início e hoje?

Não temos devoções marianas especiais, mas uma consciência constan-

te de instrução e inspiração. Amor a Maria. Amor aos pobres e desejo de ajudar aos desamparados, seja da carência material, espiritual ou educacional. Ambos trabalharam com os pobres do ambiente desde cedo. Ambos tiveram grande espírito de organização. Ambos gostavam de construir.

Champagnat esteve presente na primeira emissão de votos das Irmãs em 1826. Enviou diversas vocações às Irmãs nos primeiros tempos. Compartilhou com Joana Maria a

apostolado marista e a maneira como Champagnat o via. Mas a partir do tempo de nossa segunda Superiora Geral, Madre Ambrósia, as Irmãs deram prioridade à educação como meio principal de ajudar os pequenos a levantar-se e desenvolver-se. Esta tendência e modo de ver as coisas mudaram após o retorno às fontes em 1954. A partilha da ótica original Marista seria a principal coisa que os Irmãos e as Irmãs têm em comum, mas isso basta para torná-los verdadeiros irmãos e irmãs no amor de Maria.



Uma presença amiga na solidão dos idosos.



Reunidas para partilhar esperanças e projetos.

te de ser chamadas a tornar Maria presente no mundo. Ser-lhe a presença discreta e compassiva. Há a crescente consciência hoje da presença do aspecto da MISERICÓRDIA de Maria. Joana Maria Chavoïn deixou-nos, e continua hoje, a grande devoção da presença real de Cristo no Santíssimo Sacramento.

Joana Maria compreendeu e viveu o espírito de Nazaré. Dizia: «*Nossa congregação deve ter seu espírito, que é o amor da pobreza, a simplicidade e amor ao trabalho.*»

Como foi o relacionamento entre Champagnat e Chavoïn?

Têm muitas coisas em comum, na família, na educação, no nível de

respeito das disposições das jovens aspirantes para a vida religiosa Marista e da maneira como deviam ser formadas (cf *Carta de Champagnat*). Ambos tinham uma visão do projeto Marista e entregaram-se totalmente a ele. Ambos encontraram incompreensões de onde deviam esperar apoio e encorajamento. Ambos gostavam do espírito da Sociedade: unidade, simplicidade, trabalho, oração. Ambos desejaram entregar a vida a Deus como Maria fez.

Encontra pontos comuns entre os Irmãos Maristas e as Irmãs Maristas?

Na origem, não existiriam muitos pontos em comum entre a maneira como nossa Fundadora encarava o

Qual sua principal missão apostólica na Igreja de hoje?

Hoje não vemos na educação o principal meio de ajudar as pessoas, embora a consideremos como um apostolado muito válido. Dado que outros, especialmente os governos, o estão fazendo, dessa forma, não é mais a necessidade clamorosa dos dias de Chavoïn e de Champagnat. Também consideramos a educação num sentido mais amplo, abrangendo a educação dos adultos, pastoral nas escolas e a nível terciário, catequese paroquial, educação pela liturgia, etc. Estendemos também e consolidamos nosso apostolado nas áreas de enfermagem e trabalho social.

Quantas Irmãs são agora?

Hoje somos mais de seiscentas Irmãs trabalhando em quatro continentes e dezesseis países.

Que pensa da cooperação com os outros ramos da Sociedade de Maria?

No passado, um registro bastante dispar. Estamos ficando mais conscientes de nossa entidade e identidade com os diferentes ramos da Família Marista. Houve excelente colaboração nas últimas missões das Irmãs. Há um grande desejo de consolidar essas relações e compartilhar nossa herança aprendendo uns dos outros.

Vinte e cinco anos depois do Vaticano II, com encara esse tempo de renovação?

Começamos nosso retorno às fontes depois do Capítulo de 1954, assim nos lançamos muito antes do Vaticano II. Sentimo-nos enriquecidas de maneira expressiva pelo que descobrimos de nossas raízes e herança. Isso, em si, foi um sinal de esperança e uma catálise para a renovação entre todas as Irmãs. Somos um pouco vagorosas, mas esperamos pôr tudo em prática para o mundo de hoje.

Quais os elementos mais importantes de sua espiritualidade?

Estão muito bem expressos nas Constituições, correspondendo ao capítulo do Regulamento de João Cláudio Colin sobre o Espírito da Sociedade, que conclui com estas palavras:

Cada uma das filhas da Sociedade deve aplicar-se para viver a vida desta divina Mãe, que é não outra senão a de Jesus Cristo.

Não há devoções marianas especiais, mas uma constante consciência de nossa identidade com ela. Celebração de suas festas em espírito de família e alegria. «Respirando seu espírito», sendo sua presença discreta, ativa e compassiva apoiada na oração, que é necessária para fa-

Uma Irmã da Colômbia leva a Eucaristia aos enfermos.



zer acontecer tudo isso. Toda nossa vida é orientada para a comunidade e esse elemento é também forte em nossa oração: grande importância é dada à oração em comum tanto quanto possível.

Quais as prioridades de seu Conselho Geral?

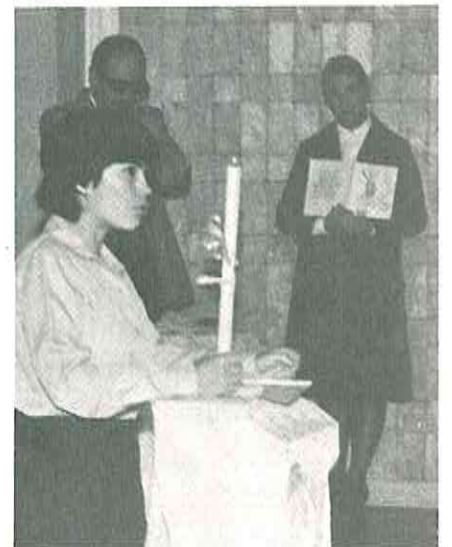
A refundação, a renovação, por meio de um Plano Pastoral, mas também por um programa de renovação dos indivíduos e grupos. Profunda renovação da fé na óptica Marista da maneira como foi vivida e interpretada por Joana Maria Chavoïn cresceu a partir da década 50. As Superiores Gerais e as Conselheiras trabalharam muito nos últimos anos para fortalecer esta «ufania» de nossa identidade, por cartas, visitas, renovações e outros meios apropriados.

Quais os desafios que estão enfrentando?

São os mesmos desafios que todos os religiosos estão enfrentando hoje: perda de credibilidade em face de um mundo sempre mais materialista; quebra de algumas formas tradicionais, receio de algumas maneiras novas; receio de fazer da terceira idade uma pastoral frutuosa para as Irmãs cuja geração pensava em «aposentadoria» como época de oração e apoio antes do que uma pastoral ativa; o declínio de vocações nas áreas costumeiramente generosas...

E suas maiores razões de esperança?

A resposta das Irmãs aos desafios acima citados. Um sentido renovado de ufania por nossa identidade como ramo da Sociedade de Maria com uma contribuição especial e válida que temos de fazer para a visão Marista de hoje. O aumento da compreensão e do respeito entre os diversos ramos. O desenvolvimento dos Maristas leigos. Admirável desenvolvimento novo nas empresas missionárias e crescimento das vocações em algumas dessas áreas de missão. Acima de tudo, temos um sentimento de esperança muito válido e necessário para oferecer ao mundo.



Profissão religiosa de uma Irmã mexicana.

ALGUMAS FRASES IMPORTANTES DE JOANA MARIA CHAVOIN (Madre São José):

«Prefiro um perdulário a um avaro. Detesto ver uma pessoa de visão estreita. Terá a mesma atitude para com Deus como para as criaturas» (RMJ, 241.81).

«Sabem que Maria, nossa Boa Mãe, deseja na verdade estar à frente dos que com ela se comprometeram nesta Sociedade? Ela os guiará até nas pequenas coisas, se forem cuidadosos em nada fazer sem consultá-la...» (CMJ, 15.1).

«Deixamos o lar e a família para começar a Sociedade da Santíssima Virgem (RMJ, 101.7).

«Minha filha, goste da oração. Mais uma vez, goste da oração, goste de conversar com Deus, fale com Deus, com a Santíssima Virgem, muito simplesmente, como uma criança a seu pai ou a sua mãe» (RMJ, 107.2).

«Nossa congregação não foi fundada para imitar esta ou aquela congregação, mas para ter seu espírito próprio, que é o amor à pobreza, a simplicidade e amor ao trabalho... O lar de Nazaré deve ser nosso modelo» (CMJ, 88.2)

**III. EXTRATO DE UMA CARTA DO PE. CHAMPAGNAT
a Joana Maria Chavoïn (Madre São José)**

Esta carta que não tem data, pode ser colocada, com certeza, antes de 30 de agosto de 1832, dia em que se inscrevem em Bom Repouso as candidatas cuja chegada anuncia. As três jovens não foram, sem dúvida, recrutadas pelo Pe. Champagnat, mas pelo Pe. Fontbonne que era coadjutor em Saint-Laurent-d'Agný antes de ir a l'Hermitage. Não sabemos como o Padre teve contacto com elas, mas sabemos que trabalhava ativamente para a Sociedade de Maria no conjunto: para os Padres, e também para as Irmãs às quais enviou quase uma dezena de jovens.

À Madre São José, Superiora das Irmãs Maristas, Bom Repouso, Belley
Senhora Superiora,

Envio-lhe três jovens de Saint-Laurent-d'Agný das quais lhe falei. Se elas não podem levar tudo que desejariam do lado das riquezas, elas levam pelo menos grande boa vontade de fazer tudo que poderá exigir delas. Disse a elas que se não levassem perfeita renúncia de si, submissão a todo prova, grande abertura de coração, vocação perseverante e verdadeiro desejo de amar a Deus à imitação de Maria, que não fossem além em sua diligência. Elas responderam que esses eram seus sentimentos e os desejos de sua alma. Disse-lhes que a senhora guardaria esta carta para lembrar-lhes as promessas a seu devido tempo e lugar.

Disseram-me que estavam bem dispostas e prontas a assinar tudo isso com sangue, se fosse necessário.

Posso garantir-lhe que pertencem todas as três a gente boa, a bons cristãos.

Queira aceitar a certeza de meu apreço.

Champagnat, P.M.
Superior do Irmãos Maristas

(Lettres de M.J.B. Champagnat, vol 1, Textes, Rome, 1985, pages 74-76.)

IRMÃS MISSIONÁRIAS DA SOCIEDADE DE MARIA: PASSADO E PRESENTE

(Entrevista com a Irmã Claudine Nakamura, membro do Conselho Geral)

AS ORIGENS

Pode fornecer-nos algumas balizas que nos possam situar na formação da imagem de Francisca Perroton?

Francisca Perroton nasceu em 7 de fevereiro de 1796, em Lião, paróquia de Saint Nizier, de família modesta. Tornou-se professora numa família burguesa de Lião. Em 1819, Paulina Jaricot funda a Obra da Propagação da Fé. Francisca adere e, em 1820, é líder de uma dezena.

Os Padres e os Irmãos Maristas chegam na Oceânia em 1837. O Pe. Chanel é martirizado em 1841, em Futuna. Em 1842, duas mulheres de Ouvéa (Wallis) escrevem uma carta aos cristãos de Lião, em nome de todas as mulheres da ilha.

«Já temos provas de vossa caridade e vos fazemos ainda um pedido: é de nos enviar, se puderem, algumas senhoras piedosas (Irmãs) para instruir as mulheres de Ouvéa.»

Francisca deve ter lido essa carta, aparecida nos «Anais da Propagação da Fé», em setembro de 1843. Para ela, foi um chamado. Decidiu responder ao pedido das mulheres. Sabendo que essa parte do mundo estava confiada à Sociedade de Maria, aconselhou-se junto ao Pe. Eymard, Provincial da França e diretor da Ordem Terceira. Ele a aconselhou a dirigir-se ao Pe. Colin, oposto ao envio de mulheres para a Oceânia.

Partiu apesar disso?

Sim. Em 1845 encontra o comandante Marceau, em Lião, e lhe apresenta o pedido: acolhê-la em seu navio que deve aprontar-se para ir à Oceânia. Impressionado pelo gesto dessa mulher, nada jovem, faz-lhe



Francisca Perroton
(Sóror Maria do Monte Carmelo).

uma promessa vaga... Não recebendo resposta, ela lhe escreve:

«...Meu desejo é de estar a serviço das missões durante o resto de minha vida, e somente o senhor, pode fornecer-me os meios de chegar lá, dando-me a proteção para uma viagem tão longa e difícil... Deus proverá para minha subsistência, tenho esperança, porque nada mais quero que sua glória e a salvação dessa gente boa da Oceânia, em favor da qual me sacrificarei de boa vontade, se essa for a santa vontade divina.»

O comandante dá-lhe resposta positiva. Ela embarca em 15 de novembro de 1845 no *Arca da Aliança*, com os Padres e Irmãos Maristas. No decurso dos onze meses de viagem, Francisca deu provas de coragem e de resistência.

O *Arca da Aliança* chega em Wallis a 23 de outubro de 1846. O Pe. Bataillon recusa receber Françoise, não quer mulheres européias na ilha. O rei a toma sob sua proteção; faz-

lhe construir uma casa à beira do mar e envia três moças, uma das quais sua filha, Amélia, para viver com ela. Começa para Francisca nova vida na pequena ilha do Pacífico. Realiza-se seu sonho. Livre, podia inventar uma forma de presença adaptada ao meio oceânico, podia responder às necessidades das mulheres...

Vive sozinha em Wallis de 1846 a 1854. Nessa data, desanimada, não podendo mais suportar a solidão, embarca para Sidnei, mas o navio detém-se em Futuna, onde ainda viverá só, durante quatro anos.

Sua tradição remonta às «dez Pioneiras». Como partiram elas?

Na França, numerosas jovens desejosas de dar a vida a serviço dos povos oceânicos, dirigem-se aos Padres Maristas. O Pe. Favre, que substituiu o Pe. Colin como Superior Geral, é favorável ao envio de mulheres para a Oceânia. Faz-se um discernimento para a escolha das candidatas às quais se dá um breve tempo de formação. Quatro partidas se sucedem:

— Em novembro de 1857, três Terceiras vão ajuntar-se a Francisca em Wallis/Futuna. Em 29 de maio de 1858 é a alegria do encontro. A primeira comunidade de mulheres missionárias Maristas nasceu em Kolopelu.

— Em julho de 1858, três Irmãs são enviadas à Nova Caledônia a pedido do Vigário apostólico daquela ilha.

— Em outubro de 1858, outro embarque de três Irmãs para Wallis/Futuna.

— Em outubro de 1860, partida S.M. da Apresentação para a Caledônia.

Encerra-se assim o período dos embarques de nossas Pioneiras... O impulso estava dado!

Francisca e as Pioneiras, estão portanto na origem das SMSM?

Sem dúvida. As origens de nosso Instituto estão intimamente ligada à vida de Francisca Perroton e *das dez jovens mulheres extraordinárias, missionárias leigas, de uma intrepidez e heroísmo além de todo elogio, a uma obra de evangelização e de promoção da mulher, nas ilhas ignotas e misteriosas da longínqua Oceâ-*

nia. (Ir. Basílio, Prefácio do livro *Presença de Maria*).

São elas as pedras fundamentais de nossa Congregação.

As onze primeiras partiram praticamente sem formação. Chegadas na Oceânia, estavam sob a autoridade do Vigário apostólico de cada ilha. Os Padres Maristas, conscientes dessa falta de formação e de organização, procurarão abrir uma casa de formação na França porque, escrevia o Pe. Poupinel, «se o número de pessoas enviadas para a Oceânia sem noviciado prévio aumentar, se tiver-

mos várias dessas pequenas comunidades improvisadas, ficaria muito inquieto».

Faz-se uma tentativa com S.M. do Coração de Jesus, mas surgem dificuldades entre os Padres e ela. Funda então a Congregação de Nossa Senhora das Missões. Dá-se a separação. As Pioneiras que tinham feito profissão nessa congregação não renovam seus votos (excepto Francisca); preferem permanecer simples Terceiras antes do que separa-se da Sociedade de Maria e ter que deixar a Oceânia (1861-1869).

—De 1869 a 1881, as Pioneiras fazem parte da T.O.M.M.O. (Terceira Ordem de Maria para as Missões da Oceânia).

—Em 1881, organiza-se a T.O.R.M. (Terceira Ordem Regular de Maria). A Congregação sai de seu estado embrionário para chegar à existência normal. Isso foi feito respeitando o que é essencial:

- nascida nas missões, a Congregação afirma seu caráter missionário;
- permanecendo na Ordem Terceira de Maria, afirma sua ligação com a Sociedade de Maria;
- ficando Ordem Terceira regular, assegura a seus membros vida autenticamente religiosa.

—De 1881 a 1931, a Congregação se organiza.

—Em 30 de dezembro de 1931, recebe a aprovação com o nome de IRMÃS MISSIONÁRIAS DA SOCIEDADE DE MARIA.

Que traços faria ressaltar na personalidade de Francisca Perroton?

O primeiro traço impressionante de sua personalidade é sua *força de caráter*. É mulher que tem a cabeça no lugar e sabe o que quer. Dá provas no início de sua vocação missionária e durante os longos doze anos de isolamento em Wallis/Futuna. Foi capaz de enfrentar o autoritarismo do Pe. Bataillon quando quis que obrigasse as Irmãs a abandonar o apostolado direto para que se ocu-



Túmulo de Francisca Perroton na ilha de Futuna.

passem das galinhas e porcos. O Pe. Poupinel escreve: «A teimosa S.M. do Monte Carmelo (Francisca) esteve longe de desistir do objetivo que se propusera ao deixar a pátria.»

A fim de realizar sua decisão, mostra *audácia* e sabe *arriscar* tudo para conseguir o que quer; mas o faz com *lucidez*.

Demonstra de igual forma muito *tacto* e *delicadeza* nos relacionamentos e correspondência. O Pe. Mathieu diz dela: «É mulher *ativa, prudente e inteligente*; de inteligência de permeio com muito *humildade*.»

Nas cartas, descobre-se um grande *sentido de humor*. Ri-se, por exemplo, da cabeça que parece rebelde no aprendizado da língua; fala de suas orações «mais frias que o mês de janeiro em Lião». Quando a aceitação mútua na comunidade parece difícil, afirma em seguida: «Ninguém ainda atirou uma garrafa ou prato na cabeça de uma coirmã.»

Alguns aspectos notáveis da espiritualidade de Francisca?

Cristã fervorosa, animada de fé sólida e grande devoção a Nossa Senhora de Fourvière, Francisca, voltou-se para as missões.

Teve uma atitude de *confiança plena em Deus*. Mostra total abandono



Sóror Maria da Cruz, uma das Pioneiras, fundadora das Filhas de Maria.

nele: Diz ao comandante Marceau que Deus proverá para sua subsistência quando nas missões.

É imenso seu *amor ao Senhor*: «Quando quero, em poucas palavras, fazer muito atos de amor de Deus, digo-lhe: Meu Deus, amovos, adoro-vos tantos milhares de vezes quantas são as gotas de água do oceano.»

Acolhe todas as ocasiões para *agradecer a Deus*, mas o que mais pro-

cure é *fazer a vontade divina*, de aceitá-la como se apresenta, mesmo que não esteja de acordo com a dela.

Maria tem enorme espaço em sua vida; deseja imitar-lhe a vida oculta.

Em síntese: amor de Deus, confiança inquebrantável nele, fidelidade à missão, muito amor para com as jovens e mulheres, dedicação incondicional para com elas: eis o que foi a vida de Francisca. Nos anos de isolamento, abandonou-se plenamente a Deus.



Vista da ilha de Futuna.

E no que diz respeito às dez Pioneiras?

Cada uma delas, sem dúvida, tem personalidade própria que vamos descobrindo ao percorrer-lhes as cartas e as dos pais. Há traços básicos, mais ou menos acentuados conforme os temperamentos:

Para lançar-se numa aventura dessas, naquelas épocas, precisavam ser mulheres de *força de caráter* extraordinária; o espírito de *adaptação*, de *empreendimento* são visíveis; como Francisca, possuem *audácia*, impregnada de *humildade*. A *resistência* de que dão provas leva-nos a admirá-las.

Existem algumas entre elas cuja personalidade atrai mais?

Fica até difícil de escolher. Direi uma palavra sobre S.M. da Cruz uma personalidade forte, instruída, «mística». O Pe. Vigouroux resume-lhe assim a vida: «É uma bela alma que não pode ir a Deus sozinha; arrasta todas as caledonianas que encontra.»

É uma apaixonada que entregou a vida a Deus e que se consagrou de corpo e alma à missão da Nova Caledônia. Já na idade de seis anos, fez promessa a Deus lhe consagrar-lhe a vida:

«Ainda não tinha seis anos quando fiz a Nosso Senhor, com toda a energia da alma e da vontade, do jeito como era capaz, a promessa de morrer religiosa. As missões foram objeto constante de meus desejos oito anos antes de chegar até elas.»



Sœur Claudina Nakamura, da Nova Caledônia, Conselheira Geral, SMSM.

Apesar de saúde abalada, toda a vida foi dom total a Deus, sustentada pela presença constante de Maria, a serviço das jovens e mulheres caledonianas. Confiança em Deus, amor a Maria... mas também confiança nas jovens que convivem com ela; essa confiança e amor farão mara-

vilhas: várias dessas «filhas» vão querer imitá-la na consagração ao Senhor.

Poderia explicar-nos um pouco mais os laços com a Sociedade de Maria, nas origens?

Francisca dirigira-se ao Pe. Eymard, antes de procurar o comandante Mar-

ceau. Mas, ao embarcar em 1845, nenhum laço jurídico a liga à Sociedade de Maria. Em Tahiti, recebe a notícia que o Pe. Eymard a inscreveu na Ordem Terceira de Maria:

«Mil vezes agradecida, meu Pai, pela honra que me fez ao inscrever-me em sua Ordem Terceira. É uma graça a mais. Seria necessário que meu reconhecimento para com Deus fosse tão grande como o oceano.»

Em Wallis e Futuna, é auxiliar dos Padres Maristas, embora às vezes, a colaboração se torne difícil. Em 23 de agosto de 1858, faz profissão na Ordem Terceira de Maria.

No que refere às outras mulheres, foram os Padres Maristas que assumiram a responsabilidade de enviá-las à Oceânia. Emitiam voto de obediência ao Vigário apostólico, Marista. Quando S.M. do Coração de Jesus se separou da Sociedade de Maria, as Pioneiras que tinham feito votos em sua congregação não os renovaram, a fim de permanecer na Sociedade de Maria. S.M. da Cruz escreveu ao Pe. Poupinel:

«Não quero separar-me da Sociedade de Maria, como não quero renunciar ao único objetivo de minha vida: as missões. Se não fosse um dever de amor que me ligasse à Sociedade de Maria, seria um dever de reconhecimento, sem dúvida, o mais imperioso de meu coração... A Sociedade foi minha primeira mãe.»

Na Oceânia, como na França, laços sólidos uniam as Pioneiras à Sociedade de Maria.

Qual foi a influência da espiritualidade Marista em Francisca e nas Pioneiras?

Todas foram inscritas na Ordem Terceira de Maria. Não foram apenas influenciadas pela espiritualidade marista, mas foram por ela impregnadas. Poder-se-ia dizer que enriqueceram e desenvolveram essa espiritualidade porque viviam cotidianamente o espírito marista missionário. Faziam-no com toda sim-

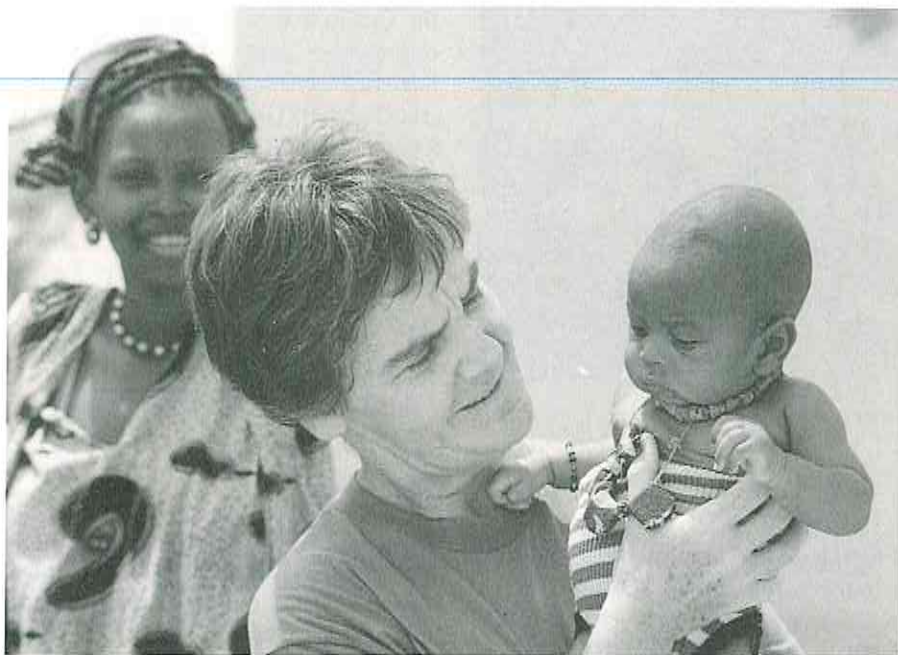


Sœur Patrícia Stowers, samoana, Superiora Geral SMSM.

plicidade «ignotas e escondidas». S.M. da Cruz escrevia:

«Compreendi a felicidade de trabalhar na salvação dessa gente, para a glória de Deus e de nossa Mãe divina, e de trabalhar longe do mundo e dos aplausos, ignorada, conhecida apenas de Deus, que essa felicidade valia a pena apesar de tudo o que sofri e ainda espero sofrer. Nossa vocação é o esquecimento, a vida oculta em Deus, o zelo, mas o zelo de Maria, sem alarde, sem barulho, o silêncio do coração de Maria.»

Portanto, deram ao espírito marista esse tom missionário, universal, porque o fizeram nascer nas ilhas longínquas da Oceânia.



Sóror Claire, americana, pioneira na Maurîtânia.

Que aspectos faria ressaltar na atividade missionária e pastoral das origens?

- A presença.
- A vida de família.
- A promoção da mulher.

—A preocupação com a evangelização.

As Pioneiras partiram para «contribuir para a salvação da gente da Oceânia». O segundo Regulamento diz explicitamente:

«Chamadas à honra de trabalhar para estender o Reino de Jesus Cristo, dar a conhecer Maria até às extremidades do mundo, as Irmãs devem estimar-se felizes e humildemente ufanas da distinção que lhes foi outorgada.»

Chamadas por mulheres da Oceânia, consagrarão o poder de amar, o jeito de fazer as coisas, a criatividade, as energias, toda a vida para dar a essas mulheres a dignidade e fazer delas esposas e mães responsáveis, consagradas felizes por doar-se a Deus.

Qual a maneira de agir? Francisca dá o exemplo: vive com as mulheres, agrupa-as em comunidades vivas nas quais as mais antigas se tornam colaboradoras. Não há barreiras entre ela e as nativas. As que se seguirem, seja em Wallis/Futuna, na Caladônia, em Samoa ou Tonga, terão o mesmo «método» na educação das jovens e das mulheres.

Ao formar as mulheres, preparavam famílias cristãs. Já em 1847, Francisca escrevia ao Pe. Eymard:

«Interesso-me pelas mulheres de maneira especial. São elas que dão aos filhos a primeira educação, que deverá influenciar-lhes o procedimento durante toda a vida.»



Comunidade de Irmãs Missionárias em Butare (Rwanda).



Sóror Anna Frank trabalha num centro de aidéticos em Washington.

Francisca, não educou Amélia, a futura rainha de Wallis e S.M. da Cruz a de Hortência, futura rainha da ilha de Pins?

As Irmãs são tão próximas das nativas que seu apostolado adapta-se ao ambiente; não há estruturas constrangedoras que venham deter-lhes a criatividade para responder às necessidades da gente.

Pode-se dizer que os elementos-chave de sua vocação já estão presentes nas Pioneiras?

Conforme já assinaei, essas mulheres — as onze vindas da França e as

da Oceânia que se juntaram muito depressa — para nós são «AS PEDRAS FUNDAMENTAIS DE NOSSA CONGREGAÇÃO». Elas deram o impulso. Durante os longos anos de gestação, evolução e organização da Congregação, foram elas o elemento motor, o núcleo principal. Os diversos Regulamentos redigidos na França eram feitos em função delas, adaptados à vida, ao apostolado delas. Na vida das Pioneiras encontram-se os três elementos que constituem nossa vocação própria na Igreja: MISSIONÁRIA, MARISTA, RELIGIOSA.

MISSIONÁRIAS, foram desde o embarque porque partiam para evangelizar as mulheres da Oceânia; nas missões viviam como auxiliares dos Padres Maristas. Por sua presença, apostolado, sobretudo no meio das mulheres e jovens, evangelizaram esas ilhas da Oceânia.

MARISTAS: Todas foram inscritas na Ordem Terceira de Maria, consideravam-se, portanto, da Família Marista. Conforme o segundo Regulamento, deixavam a pátria «para dar a conhecer Maria até às extremidades do mundo». Para elas, trabalho missionário e a vocação Marista constituíam um chamado único.



Sóror Malia Soane, de Tonga, em seu dispensário de Vavau.

RELIGIOSAS: Não eram religiosas, mas queriam ser. Antes do embarque, fazim voto de obediência ao Vigário apostólico. Em primeiro lugar, Terceiras, formarão a partir de 1881, a Ordem Terceira Regular de Maria, verdadeiras congregações diocesanas. «Serão de fato congregações religiosas, com votos e vida de comunidade, Regulamento da Ordem Terceira da Sociedade de Maria e o espírito dessa Sociedade que convém tão bem às missões da Oceânia.»

Na França, os Padres Maristas preocupam-se em estabelecer um noviciado, achar o modo de organizar essas missionárias numa congregação... Mas devido às distâncias, às incompreensões, isso levou muito tempo!

HOJE

Quantas Irmãs são agora e em que países trabalham?

Atualmente somos 673 Irmãs, das quais 57 com votos temporários. Dezoito noviças estão se preparando nos diversos noviciados da Nova Zelândia, Nova Caledônia, Peru e Itália. Dez postulantes estão iniciando os primeiros passos na vida religiosa.

Oriundas de trinta países tivemos a graça, no decurso dos dez últimos anos, de acolher vocações providas de Vanuatu, Bougainville, Madagascar, Venezuela, Kiribati, Salomon e Filipinas.



Comunidade do Bangladesche.

Nos últimos anos, fizeram uma redescoberta do carisma das origens um retorno às fontes?

O Concílio Vaticano II solicitou às congregações religiosas de redescobrir o carisma das origens. É o que tentamos fazer. O Capítulo Geral de 1971 decidiu começar essas pesquisas. O trabalho foi confiado a S.M. Cecília de Mijolla que, sob a direção do Pe. Coste, apresentou desde 1973, um grande leque de cartas ou extratos de cartas. Tivemos a sorte de possuir numerosas cartas das Irmãs e dos pais em relacionamento com elas e outros documentos que lhes dizem respeito. Esse trabalho é fonte de riquezas que estamos continuando a descobrir com admiração crescente. As onze Pioneiras são, para cada uma de nós, testemunhas extraordinários do amor de Deus encarnado no meio desses povos da Oceânia.

No decorrer de nossa história, as Irmãs viveram o carisma das origens, com maior ou menor intensidade. O retorno às fontes permitiu-nos captá-lo melhor, defini-lo de modo mais claro e aprofundá-lo. Nosso carisma é ser MISSIONÁRIA, MARISTA, RELIGIOSA. Estes três elementos formam o fundamento de nossa vocação; em torno disso procuramos dar unidade a nossa vida. Vivemos o presente apoiando-nos no passado, com o olhar voltado com audácia para o futuro.

A missão atual, no seio da Igreja, como aparece definida nas Constituições?

Nossas Constituições são muito claras a este respeito: «*O chamado para ser, ao mesmo tempo, Missionárias, Maristas, Religiosas, constitui nossa vocação na Igreja*» (C. 5). Participamos na evangelização por uma presença do jeito de Maria, pela proclamação da Palavra e pelos diversos serviços apostólicos. Continuamos a ser enviadas aos que não conhecem o Cristo, aos que estão a caminho para Ele, às igrejas locais que têm necessidade de ajuda missionária (cf art. 17).



Sóror Malia Anita dando aulas de culinária em Tonga.

Tentamos unir a audácia apostólica com a presença discreta, conforme o espírito Marista, considerando Maria em Nazaré e no Pentecostes.

Quais são as prioridades apostólicas em nível de Congregação?

Como para as Pioneiras, a MISSÃO é para nós a prioridade das prioridades. Estar no meio das pessoas, sobretudo as mais desamparadas, junto às mulheres e jovens, ser «testemunhas do amor e instrumentos da misericórdia de Deus»; ser testemunhas da universalidade da Igreja.

O Capítulo de 1987 ressaltou certos aspectos dessa Missão:

- Evangelização das culturas e enculturação.
- Justiça e paz, respeito aos direitos humanos.
- Promoção da mulher e da família.
- Comunhão entre nós e com os outros.

E para que as Irmãs sejam disponíveis a cumprir essa missão, trabalhar na qualidade vida das SMSM.

O Conselho Geral ampliado de 1989 insistiu sobre: nossa presença no

meio dos fiéis das grandes religiões; formação de líderes leigos e comunidades cristãs de base; trabalho junto aos marginalizados; engajamento nos movimentos femininos e a formação em todos os níveis.

E as prioridades do Conselho Geral?

Em primeiro lugar, estão as prioridades inerentes a nosso serviço, que são:

- assegurar a unidade da congregação;
- promover vida religiosa autêntica;
- velar para que a congregação cumpra da melhor maneira o mandato missionário confiado pela Igreja.

Procuramos os meios para pôr em prática as prioridades da congregação. Esse trabalho é feito em íntima colaboração com as Provinciais.

Entre todas as prioridades, temos mais a peito algumas:

- Reavivar o espírito missionário.
- Assegurar a renovação da vida comunitária e apostólica.
- Favorecer a formação das formadoras.

Quais são os grandes desafios do Instituto?

Os desafios são numerosos, entre eles damos realce:

- Aos apelos prementes das igrejas e do mundo para a presença missionária e o serviço apostólico. Apelos vindos, por exemplo, da Argélia, da Mauritânia, do Bangladesh, de Madagáscar, da Libéria, da Venezuela...
- Como viver hoje a audácia de nossas Pioneiras? Estar nos postos avançados das missões?
- A família está abalada... que podemos fazer? Presença junto às jovens... como evangelizá-las?

E as fontes de esperança?

Não faltam:

- Em primeiro lugar, o *dinamismo missionário* que é muito forte em todas as Irmãs, qualquer que seja a idade, o lugar de missão, as atividades.
- Há vocações missionárias «ad extra» dessa jovens vindas dos países ditos de «missão»; mas o desejo de deixar a pátria está no coração de cada uma de nós. Não vimos, por acaso, uma Irmã de 74 anos, de Tonga, fazer parte da primeira comunidade nas Filipinas? Uma irmã francesa, octogênaria, disposta a prestar serviço

grados, os doentes da Aids) que nos levou à abertura de novas comunidades.

- Contamos com as vocações provenientes do Hemisfério Sul: Peru, Rwanda, Filipinas e as vocações da Oceânia, dessa Oceânia evangelizada pelas Pioneiras e as que lhes seguiram. «Se o grão de trigo caído em terra...»
- E o despertar das vocações na Europa!

O que significa ser Instituto especificamente missionário?

Sabemos que, por natureza, a Igreja inteira é missionária; mas certos Institutos o são de maneira mais específica. Para nós, esse carisma está intimamente ligado com nossa história. As Pioneiras partiram visando a *missão*, antes de ser religiosas; e partiam para o resto da vida.

«Instituto especificamente missionário» significa para nós que todas as SMSM «em disponibilidade total, estão prontas a deixar a pátria para partir ou tornar a partir para outros povos, outras culturas... (C. 16). Embora estejamos cientes de que a missão não se limita a lugares geográficos, somos missionárias «ad extra». Um dos critérios para admitir uma candidata ao postulado é a disponibilidade de sair de seu país para viver em outra cultura.

Hoje, por muitas razões, há Irmãs que retornam e vivem no país de origem... Na escolha de uma presença ou atividade apostólica é-lhes recomendado de escolher um meio pluricultural, entre os imigrados, os pobres.

Fala-se hoje de enculturação.

O que significa isso para as senhoras?

Enculturação, aculturação... São termos novos, mas ao ler a correspondência das Pioneiras, dou-me conta que já viviam esses conceitos, da maneira de sua época, sem dúvida.



Sóror Susanne, neozelandeza, na aula de corte e costura em Tonga.

- Preocupação de ser inventivas, criar novas formas de apostolado; não impor às jovens Irmãs estruturas inadaptadas.
- Num mundo em mutação, preparar as Irmãs para trocar de profissão, de emprego, torná-las capazes de adaptar-se, ajudá-las a se preparar para a aposentadoria.

Perante estes desafios, constatamos nosso número reduzido e a subida da média de idade... mas a esperança continua viva no coração!

durante alguns meses num país que não conhecia? E com tais exemplos poderíamos escrever um livro.

- Temos a coragem e a audácia das Irmãs que vivem em situações difíceis de violência e isolamento, por exemplo, no Peru e na Colômbia, a comunidade de Ain-Salah, em pleno deserto do Saara, etc.
- A disponibilidade para responder aos novos apelos (junto aos imi-

Aculturadas, com certeza que foram, desde a chegada, tentaram aprender a língua do país, viver com as nativas, partilhar a comida, os trabalhos, os sofrimentos e as esperanças. Ao formar cristãmente as jovens, ao empenharem-se na promoção da mulher e da família, ao proporem bem cedo a vida consagrada às oceânicas, não permitiam a essas mulheres ser capazes de encarnar o Evangelho em sua cultura?

Para nós, a *enculturação* é um elemento essencial na evangelização; é a base sem a qual esta fica estranha, superficial. Foi o primeiro tema do Capítulo Geral de 1987. Permitiu-se assim sensibilizar todas as Irmãs sobre esse conceito. O documento *Evangelização das Culturas e Enculturação* expressa o que é para nós a enculturação. Cito alguns elementos: «*Estamos seguras de que cada cultura tem valores próprios e que o Espírito já está lá presente; o Evangelho deve interpelar toda cultura, toda mentalidade.*»

Acho que o espírito Marista cola muito bem nessa atitude missionária: presença discreta e ativa; ignotas e escondidas do mundo; simplicidade e humildade; «prontas a receber como a dar, não tendo outro objetivo que de procurar humildemente com todos a chegada do Reino de Deus».

Seu Instituto é a origem de diversas congregações religiosas nos países de missão. Podia nos falar disso?

Estou maravilhada da confiança dos primeiros Maristas — Bispos, Padres, Irmãos e Pioneiras — em relação às jovens da Oceânia. É notável observar que, desde cedo, propuseram a elas a vida consagrada. Algumas delas tornaram-se Terceiras; outras, foram reagrupadas diocesanas. Durante muitos anos foram sustentadas por uma SMSM: hoje são completamente autônomas:

— As FILHAS DE MARIA, na Nova Caledônia e em Vanuatu; fundação de 1875 pelo Pe. Vitte e S.M. da Cruz; aprovadas em 1962.

— As IRMÃS DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ, em Fidji; fundação de 1981 pelo Pe. Vidal e confiada à S.M. de Jesus; aprovadas em 1950.

— As IRMÃS DE NAZARÉ, em Bougainville, iniciadas em 1930 por S.M. Ignace Schaal, animada pelo Pe. Wade. Essa congregação, desmantelada durante a guerra, foi reagrupada em 1947 e aprovada em 1962.

— As FILHAS DE MARIA IMACULADA, nas ilhas Salomon; fundadas pelo Pe. Roucas em 1935, dispersadas durante a guerra, foram reagrupadas e aprovadas em 1947.

A dimensão marial desempenha papel importante em sua espiritualidade, não é?

Desde as origens, Maria tem lugar importante em nossa vida. É por uma «escolha gratuita» que fazemos parte da Família Marista... Numerosos artigos das Constituições expressam a dimensão marial de nossa espiritualidade: «*Inspiradas por Maria e confiantes em sua ajuda, procuramos servir como Ela, de uma maneira humilde e discreta e sem nos impor*» (C. 20). Citarei quatro outras passagens que dão a linha desta espiritualidade marial:



Sóror Vito, samoana, com sua aula de primeiro grau em Savalalo (Samoa).

Estas quatro congregações herdaram o espírito marista das primeiras missionárias. Hoje, são forças vivas em suas dioceses respectivas.

Seria necessário citar também a pequena congregação de Nossa Senhora da Oceânia, fundada pelo Pe. Elloy e S.M. da Misericórdia, em 1875. Depois de começos florescentes e prometedores, extinguiu-se em 1905 com a morte da Irmã.

— *É contemplando Maria na Escritura que nossa vida será impregnada de sua maneira de ser* (C. 50).

— *Não cessamos de olhar Maria para aprender a pensar, falar e agir como ela* (C. 49).

— *...A fim de ser no mundo um pouco de sua presença* (C. 10).

— *Nossa vocação na Igreja é de unir a audácia apostólica com a presença discreta* (C. 53).

Pessoalmente, uma das passagens do Evangelho que melhor exprimem isso é Maria em Caná. Está presente entre as mulheres, para um acontecimento de família. Permanece atenta às necessidades das pessoas. Intervém junto ao Filho e põe outra gente em relação com Ele. Apaga-se depois que o assunto se encerra.

Insiste-se hoje no papel dos leigos. Penso que podem trazer muitas coisas em sua condição feminina ao ministério das mulheres na Igreja.

Que pensa a respeito disso?

Foi para responder ao apelo das mulheres da Oceânia que Francisca

Hoje é uma de nossas prioridades e muitas Irmãs se consagram a essa tarefa com muito amor e convicção. *A formação da mulher e da família* foi um dos temas de nosso último Capítulo Geral. «Atentas às aspirações das mulheres de nosso tempo, desejamos *estar com elas* em seus esforços para descobrir sua dignidade e valores próprios e para que assumam sua vida.»

A exemplo das Pioneiras, queremos trabalhar *com as mulheres* nas aldeias, bairros, tribos, procurando os meios de chegar à formação integral da pessoa; que elas sejam plenamente mulheres, responsáveis a ní-

Quais são presentemente suas relações com os outros ramos da Sociedade de Maria, em particular, com os Irmãos Maristas?

Sempre houve um relacionamento muito estreito com os Padres Maristas na Oceânia e com a Terceira Ordem de Maria nas ilhas onde existe. Acredito que de há vinte e cinco a trinta anos, uma reaproximação foi sendo feita entre todos os ramos da Sociedade de Maria: há encontros em todos os níveis: geral, provincial e comunitário. Existe entreaajuda efetiva. É necessário destacar a colaboração ao nível da formação: cursos comuns na primeira formação; renovações Maristas dos cinco ramos (os quatro ramos e os leigos). Sentimos hoje que formamos a *mesma família*.

No que tange à colaboração com os Irmãos Maristas, posso fornecer-lhe alguns exemplos:

- Quando as Irmãs chegaram ao Peru, em 1960, os Irmãos as acolheram como professoras em suas escolas, permitindo-lhes assim de se implantar no país.
- A mesma entreaajuda fez-se nas Filipinas e em Kiribati, onde as SMSM, recém-chegadas no país têm a possibilidade de exercer um apostolado e ganhar a vida numa escola dos Irmãos Maristas.
- Os Irmãos nos chamaram em diversos países (Colômbia, Filipinas, Kiribati) quando se apresentaram vocações femininas. E, como acabo de dizer, eles ampararam as Irmãs.
- Os Irmãos de Madagascar enviaram jovens malgaches desejosas de ser «Maristas».

São alguns exemplos, porque a verdadeira colaboração faz-se cotidianamente nos países em que temos a alegria de trabalhar juntos.

Sempre falando em colaboração, teria alguns desejos a manifestar para o futuro?

Já existe colaboração real, mas precisaria ir mais longe, ser criativos,



Sóror Jenny, australiana e médica, em sua clínica do Bangladesche.

embarcou para as ilhas na idade de 49 anos! Deu-lhes o resto da vida. As dez outras Pioneiras e as que vieram após tiveram a mesma preocupação integral da mulher.

No decorrer de nossa história, esse ministério nunca cessou, mas talvez, houve um momento em que parecia menos evidente. Penso que na «volta às fontes» que temos efetuado, colocamos em foco e apreciado esse ministério, tão caro às Pioneiras,

vel familiar, social, eclesial, político. Para isso, temos a preocupação de formar líderes capazes de animar suas irmãs.

Maria-Mulher, Maria-Virgem, Maria-Esposa, Maria-Mãe: nós tentamos por todos os meios para que as jovens e as mulheres teçam relações privilegiadas com Maria, que ela seja sua inspiradora, confidente, aquela a quem elas podem dar toda confiança.

Temas maristas

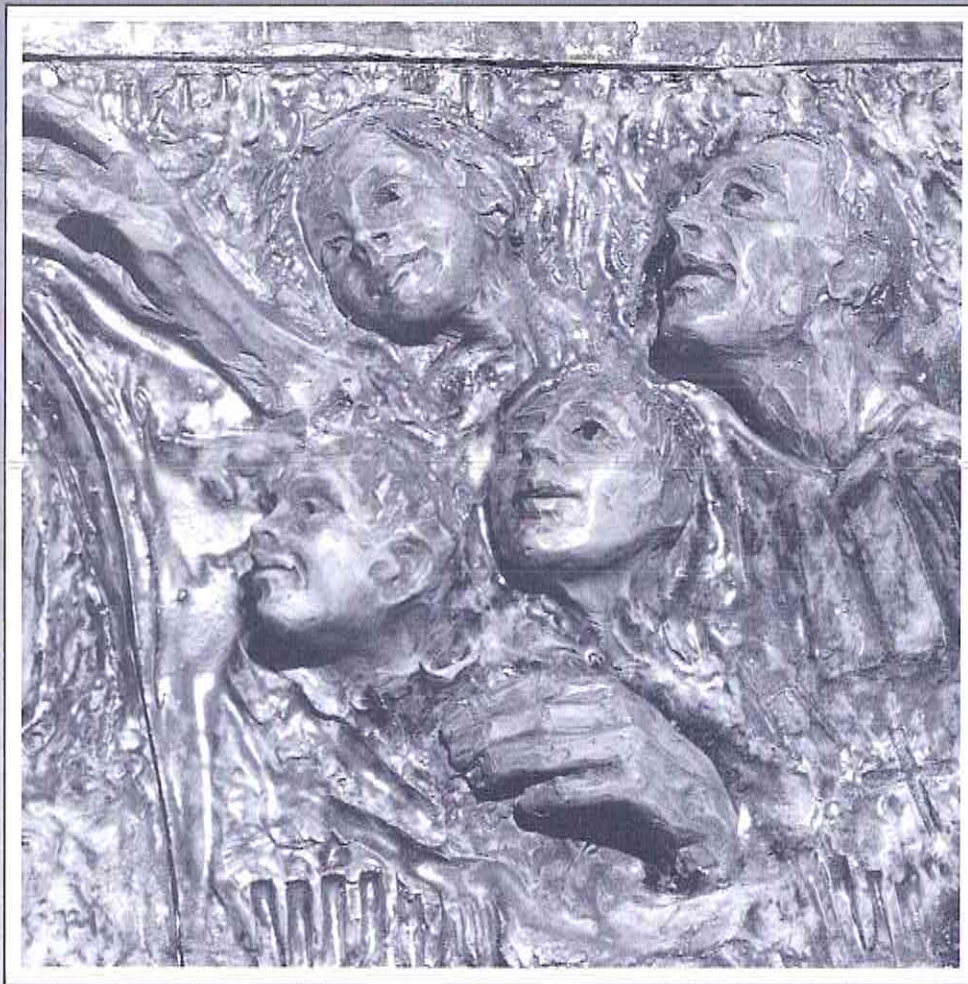
porque a Família Marista teria muito a dar, se fôssemos mais unidos. Eis alguns desejos:

- Seja organizado um curso de renovação marista de fala francesa.
- Renovação da Ordem Terceira de Maria. Será que não poderíamos estudar *juntos* a fim de achar uma expressão nova para a Ordem Terceira.
- Os cinco ramos Maristas não poderiam escolher um tema comum para estudar, colocar em prática nas escolas, paróquias, grupos de reflexão, nossas comunidades? Por exemplo, a integridade da Criação (ecologia); a família; os refugiados: «o mundo inteiro deve tornar-se Marista, etc». Que fazemos nós para que isso aconteça?
- Em nível de formação: estudar juntos um assunto a fim de propor uma maneira «marista» de abordá-lo: por exemplo, enculturação e votos. Cada ramo permanece, é certo, livre, mas poderíamos ter um «tronco comum», uma espiritualidade marista!



Grupo de Irmãs da Nova Caledônia despedindo-se de Sórora Patrícia, Superiora Geral.

CRÔNICAS DO MUNDO MARISTA



Relevos em cerâmica (Ir. José Santamarta, Castilla).

- *Curso para futuros mestres de noviços.*
- *Hungria: o retorno dos Irmãos Maristas.*
- *Encontro dos Irmãos Provinciais da Europa.*

CURSO PARA FUTUROS MESTRES DE NOVIÇOS

HISTÓRIA DO CURSO

As prioridades do atual Conselho Geral são: Formação, Constituições, Discernimento e Vocações. O Conselho estima que temos excelente Guia de Formação, mas que não há formadores para colocá-lo em prática e pensa num curso internacional baseado fundamentalmente nas Constituições e no Guia de Formação Marista.

O curso foi amadurecendo e organizado no ano de 1989. Intensa correspondência entre o Conselho Geral e os Provinciais ajudou a selecionar os candidatos. O Conselho Geral nomeou a Comissão de Formação para ultimar os detalhes do Curso. Nessa comissão participam os Irmãos Philip Ouellette, Cláudio Girardi, Eugênio Magdaleno, Marcelino Ganzarain e Powell Prieur. Confirmam o número de Irmãos participantes e os formadores. A equipe formadora ficou constituída pelos Irmãos Basílio Rueda (México Central), Gaston Robert (Iberville), Michael Hill (Sidnei), Alejandro González (México Ocidental) e Vítor Sixto (Esopus) como ecônomo.

OBJETIVOS GERAIS DO CURSO

- 1) Formação, para o Instituto, de um conjunto de Mestres de Noviços ou Formadores com conhecimentos, técnicas, vida e experiência.
- 2) Formar os Irmãos participantes para enfrentar as situações novas do mundo de forma que possam animar e orientar a formação dos Irmãos.
- 3) Cultivar nos Irmãos participantes a sabedoria do coração, a dimensão espiritual, o conhecimento de si, a aceitação pessoal, a presença do Espírito Santo e o Mistério Pascal para chegar a compreender plenamente a formação do religioso Marista e a pastoral vocacional.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) A conversão pessoal e o crescimento espiritual de cada um.
- 2) O conhecimento dos estados pelos quais passará um noviço ou um formando Marista.
- 3) Aprendizagem e conhecimento experimental do discernimento espiritual e do acompanhamento vocacional, a partir da própria vivência durante o curso.
- 4) Aprendizagem dos conhecimentos elementares relacionados com o Noviciado: Teologia, Vida Religiosa.

MEIOS ADOTADOS

- 1) Experimentação de um programa de acompanhamento pessoal que se realiza duas vezes por semana.
- 2) Avaliação pessoal e comunitária do Curso.



Participantes do Curso.

- 3) Estudo de cursos teóricos para aprofundar a fé, o conhecimento amoroso de Deus, nossa consagração e nossa missão Marista em face da formação.
- 4) Vivência profunda da oração e dos sacramentos.
- 5) Vivência do espírito de família. Formar uma comunidade ao estilo de La Valla ou Nazaré onde todos somos Irmãos malgrado as diferenças. Construir juntos uma comunidade de vida, oração, trabalho e lazer.
- 6) Experiências especiais: Retiro, visita aos lugares Maristas, visita à Terra Santa, visita a noviciados «modelos».

RECURSOS

O Conselho Geral aparelhou a Casa onde residimos, que pertence ao Movimento Oásis. A língua comum que utilizamos, o francês, também foi decidida pelo Conselho. O Programa geral de estudos e experiências foi elaborado pelo Conselho Geral. A equipe forma-



Celebração comunitária.



Trabalho manual.

dora também foi escolhida pelo Conselho. Os conferencistas e professores especiais foram buscados pela equipe...

As despesas gerais acadêmicas e a estada correm por conta de Conselho Geral. As Províncias colaboram com as viagens.

DINÂMICA COMUNITÁRIA E PARTICIPANTES

Nossa comunidade está formada dos seguintes Irmãos: Equipe diretora: Basílio, Gaston, Michael, Alejandro e Vitor. Irmãos participantes: Jesus Bayo (Chile), Jesus Caballero (Venezuela), William Chiola (Malawi), Sébastien Chupa (Zaire), Anthony Clark (Austrália), Rodrigo Cuesta (América Central); José Luis Elias (Bélica), Enrique Escobar (México), Nicholas Fernando (Sri Lanka), Sebastião Ferrarini (Brasil), Jair Galina (Brasil), Alfonso García (Peru), Libardo Garzón (Colômbia), Leon Heberta (Zimbabwe), Luis Miguel Herero (León), Michael Hoare (África do Sul), Carlos Kihn (Argentina), Anselmo Kim (Coréia), Volmar Loz (Brasil), Michel Morel (França), Spiridion Ndanga (Rwanda), Chima Onwujuru (Nigéria), Reginal Racine (Canadá), Fidele Ramarosaona e Joseph Ramaroson (Madagáscar), Julio Suaese (Samoa), Berhard Tremmel



Ir. Nicholas (Sri Lanka) e Ir. Joseph (Madagáscar).

(Alemanha), Lorenzo Urién (Norte), Raul Valles (México), Joe Wara (Fidji) e Dominique Rhyan (Coréia).

Durante o primeiro mês (janeiro) nos fomos conhecendo e organizando. Estamos divididos em *Comissões* que colaboram em diversos aspectos de nossa vida comunitária. A comissão de liturgia e oração que garantem a vivência de nossas celebrações e orações comunitárias. A comissão de festas e vida de família que anima os momentos de recreio, desportos e festas. A comissão de cultura que organiza visitas, excursões e eventos culturais. A comissão de trabalho manual que organiza os empregos e trabalhos manuais. A comissão de estudo e biblioteca. A comissão de pobreza e apostolado.

Cada quinze dias temos *reunião comunitária* e periodicamente avaliamos nossa vida e atividades.

A *equipe dirigente* garante o desenvolvimento da programação geral do Curso: informa, consulta, propõe, avalia.



Ir. Spiridion (Rwanda) e Ir. Michel (França).

As *diversas comissões* organizam, informam, propõem, avaliam o que é de sua competência e não crie conflitos com outra comissão.

TEMÁTICAS DO CURSO E METODOLOGIA

Os principais cursos que teremos nos 18 meses são os seguintes. Constituições, Guia de Formação, Teologia da Vida Religiosa, Crescimento pessoal, Pobreza, Pedagogia do acompanhamento pessoal, Psicologia dos jovens, O homem e a vocação cristã, Curso fundamental sobre a fé, Liturgia de salvação, Castidade, Discernimento, Pedagogia da conversão, Obediência, Liturgia, Cristologia, Champagnat, Carisma marista, História do Instituto, Mariologia, Liturgia das Horas, Vida comunitária, Direito Canônico, História da Vida Religiosa, Vaticano II, Espiritualidade apostólica Marista, Oração, Enculturação, Missão...

Esses cursos sistemáticos são ministrados pelos Irmãos da equipe formadora, por outros Irmãos convidados e por diversos professores das Universidades de Roma.

Momento
de oração
comunitária.



Se algum professor não sabe falar francês, temos um serviço de tradução simultânea que nos permite acompanhá-lo sem problemas.

Dispomos de boa biblioteca com livros nas diversas línguas e recebemos uma quantidade considerável de revistas de temática variada.

Os diversos cursos são dados de forma magistral. Os professores dão apostilas e a bibliografia adequada. A assimilação do tema é garantida pelo trabalho pessoal e trabalhos que se elaboram em grupo.

ATIVIDADES

As manhãs são dedicadas ao trabalho acadêmico dos diversos cursos. De tarde, temos o «Acompanhamento

pessoal», trabalho, oração pessoal, trabalho manual, esporte ou lazer.

Os sábados são dedicados, de forma especial, à partilha comunitária, ao estudo do francês, ensaio de cantos.

Os domingos são livres, conforme a iniciativa de cada um ou de pequenos grupos que se organizam espontaneamente.

Na primeira semana de abril passamos férias em Lavaron (Norte da Itália). Cada trimestre organiza-se uma excursão.

Ir. Jesus Bayo
Chile



A equipe dirigente:
*Gastão (Canadá),
Basílio (México),
Miguel (Austrália),
Vitor (Estados Unidos),
Alexandre (México).*

HUNGRIA: O RETORNO DOS IRMÃOS MARISTAS

(Entrevista com o Ir. Remi Vericel, Superior da nova comunidade)

Começemos com um pouco de história:

Qual foi a presença Marista nos países da Europa do Leste?

Vamos abrir uma comunidade na Hungria, mas a presença Marista nos países do Leste tem uma longa história, infelizmente interrompida pelos acontecimentos:

O Instituto esteve presente na Bulgária de 1905 a 1936; na Polônia de 1937 a 1940; na Romênia de 1909 a 1916; na Jugoslávia de 1905 a 1945; na Turquia de 1892 a 1934.

Na Hungria, os Irmãos estiveram presentes durante quase quarenta anos, de 1909 a 1950. Em 1909 abriu-se o juvenato de Orsova. De 1923 a 1944 funcionou o orfanato Santa Luísa de Kispest. Em 1928 deu-se a fundação da Escola Champagnat em Budapest.

Em 1947, o governo comunista nacionaliza todas as escolas e interdita toda atividade religiosa. A Escola Champagnat, não estando sob a jurisdição da Igreja da Hungria, escapa à interdição, mas fica submetida a restrições crescentes. Em 1949, a situação torna-se insustentável. Os Irmãos entram em demoradas negociações com o governo. No fim, cede-se a escola em troca do passaporte que permite aos Irmãos de sair da Hungria.

Dezessete Irmãos húngaros morreram no Instituto e onze ainda estão vivos. A presença Marista na Hungria é mantida por um ex-Irmão e o grupo de antigos alunos da Escola Champagnat, ufanos da educação recebida dos Irmãos.

Irmão, o senhor fez, recentemente, uma viagem à Hungria para estudar as possibilidades de reabrir lá uma comunidade. Quais foram suas impressões?

Por ocasião da viagem que fiz em companhia do Irmão Joseph Sandor, encontramos diversas autoridades eclesiais, vários bispos, o primaz, cardeal Paskai, e o bispo responsável dos religiosos. Tivemos o ensejo de nos entreter com os provinciais dos jesuítas, dos franciscanos e dos piaristas (escolas pias de S. José de Calasanz). Falamos com membros do clero e visitamos diversas comunidades religiosas.



Ir. Remi Vericel, Superior da Comunidade.

Constatamos que a grande prioridade da Igreja da Hungria é a escola católica. A Igreja pensa que é preciso recomeçar tudo de novo, depois de quarenta anos de marxismo, e que será através da escola católica que se reconstruirá a Igreja na Hungria. Os quatro projetos que trouxemos conosco estão nessa orientação.

Durante a revolução, apenas quatro congregações foram autorizadas a permanecer no país: os piaristas, os beneditinos, os franciscanos e as Irmãs de Notre-Dame de Sion. Continuaram a gerir escolas embora em condições restritivas muito fortes.

Outras congregações permaneceram na clandestinidade. Alguns religiosos viviam sozinhos em apartamentos; outros, sacerdotes, exerciam o ministério sacerdotal nas paróquias, apesar das coações. Agora estão reaparecendo e querem recomeçar a vida comunitária com outros membros de sua congregação que chegam ao país. Sesenta e três famílias religiosas já foram recenseadas junto ao governo.

Encontrou-se, por exemplo, um padre premonstratense, vigário de paróquia, que recuperou um velho mosteiro perto de sua igreja. Com a ajuda dos padres americanos, está relançando os premonstratenses na Hungria.

O Estado devolve às congregações as antigas casas?

Muitas congregações estão à espera de uma casa para recomeçar a vida religiosa. Não sei o que vai acontecer, mas penso que não será possível. Há enorme crise de alojamento na Hungria. O governo não saberia como esvaziar os antigos colégios e edifícios religiosos, porque não tem meios de alojar as pessoas em outro lugar.

Na Checoslováquia, por exemplo, o governo acaba de recusar de devolver aos religiosos as antigas propriedades, embora as comunidades apenas tenham pedido 96 casas, 10 % do que elas possuíam antes do comunismo.

Tínhamos duas casas em Budapest: uma tornou-se extensão da faculdade de medicina, a outra é um lar para meninas. Não sei se poderemos recuperá-las algum dia.

Como o senhor viu a Igreja na Hungria?

Deve-se tratar com dois tipos de Igreja: uma Igreja que viveu quarenta anos de perseguição, que sofreu, que conheceu coações inimagináveis, padres e bispos perseguidos, torturados, encarcerados, deportados e que, em

consequência, permaneceu muito tradicional. Vêm-se, por exemplo, celebrações dominicais sobretudo com pessoas mais idosas, que cantam em húngaro os velhos cantos de cinquenta anos atrás, com uma liturgia muito tradicional.

Depois, de outra parte, dá-se a volta dos jovens. Há certo número deles que retorna à Igreja e lhe dão um novo ar. É difícil, no entanto, formar um juízo global. Ao lado da Igreja perseguida, houve, infelizmente, a Igreja comprometida com o poder então vigente. A grande maioria dos húngaros diz-se cristã e os católicos constituem 60 %.

Aguarda-se a visita do Papa para setembro de 1991. O Parlamento e a Basilica estão em fase de restauração. Os bispos esperam obter a reabilitação do cardeal Mindszenti e o retorno de seu corpo.

É portanto possível abrir escolas católicas na Hungria?

Atualmente, sim, sem problemas, com margem de liberdade plena. No mês de abril apareceu a lei, muito ampla, da liberdade de consciência e de culto, que institui a separação entre a Igreja e o Estado. Os estabelecimentos religiosos são reconhecidos legalmente.



Os sete Irmãos fundadores reunidos em Roma com o Ir. Superior Geral.



Alguns símbolos utilizados durante a cerimônia do envio.

Na verdade, há mudanças espetaculares que se estão produzindo. Parece que, no próximo reinício das aulas, o catecismo será obrigatório em todas as escolas do país, excepto para os que fizerem um requerimento de não participar nelas. É a reviravolta da situação anterior, quando existia a proibição de participar, a menos que se fizesse pedido escrito.

Que pensa da situação da família?

As famílias têm dois ou três filhos, como na maioria dos países europeus. São de origem camponesa e cristã, mas com muito pouca prática religiosa. Existem muitos divórcios. A grande diferença é que vêm-se muitos jovens retornar à Igreja ou melhor, chegam pela primeira vez.

A nível das famílias, a fé permaneceu. É necessário pensar que todas as camadas sociais inferiores abaixo dos cinquenta anos, que viveram no período do comunismo e de sua doutrinação, não conheceram, ou muito pouco, a Igreja. Trata-se de uma descoberta. Assisti à primeira procissão pública que se fez depois de 1950. Caminhou-se até um santuário mariano: houve cantos, orações e recitação do terço.

Vêm-se muitas pessoas idosas na missa, durante a semana, e todas as vezes há entre doze a quinze coroinhas, meninos e meninas. E não são sempre os mesmos! Os bispos e os padres pensam que será através dos meninos e dos jovens que a população adulta retornará à Igreja.

E sob o ponto de vista econômico?

A sociedade húngara é sociedade de consumo. Os supermercados de Budapeste estão repletos; encontra-se

tudo que se quiser. É o liberalismo, mesmo o econômico. Desde 1956 houve evolução nesse sentido e muitas cooperativas foram organizadas. O problema é que não há bastante dinheiro e os produtos importados são muito caros. As pessoas têm dois ou três empregos para poder sobreviver e mesmo viver bem. O desemprego, a mendicância, a pornografia estão chegando. Quatro quintos das casas de Budapeste ainda estão marcadas pelos impactos das balas da guerra. Se os prédios fossem melhorados, Budapeste seria uma das mais belas cidades da Europa.

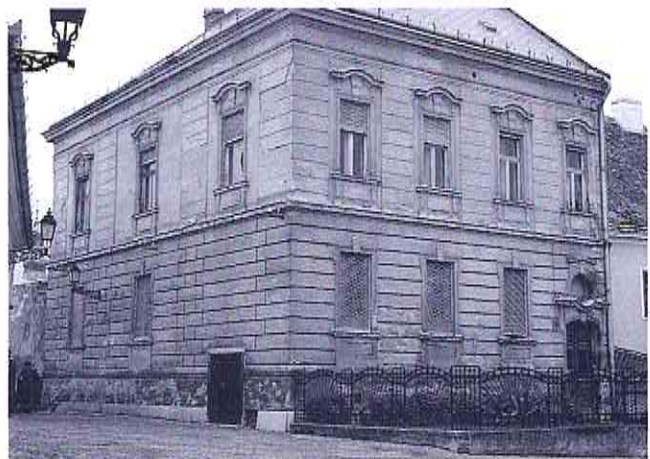
Existem ainda laços com os antigos alunos Maristas?

Naturalmente. Os antigos alunos reuniram-se a primeira vez em abril de 1989 e o farão ainda em agosto de 1990. Esperam ultrapassar uma centena. A maioria estudou em nossa escola de Budapeste e conserva lembrança inesquecível dos Irmãos. Há também ex-Irmãos, amigos e famílias cristãs de origem judia que se refugiaram na casa dos Irmãos durante a guerra.

Fale-nos da reabertura de uma comunidade Marista

Entre os projetos que foram apresentados ao Conselho Geral, está o de Győr que foi aceito. Győr é cidade industrial de 140 000 habitantes, a 50 quilômetros da fronteira austriaca e 13 quilômetros de Checoslováquia. A região é de origem muito cristã. Há um bispo (Mgr Kornél Pataky) e dez paróquias na cidade.

Nossa implantação será feita nos arredores do sul que agrupam 25 000 habitantes, sobretudo empregados, funcionários, professores e outros membros das profissões liberais.



Győr, antiga casa de cônegos, residência provisória dos Irmãos.

Crônicas do mundo marista

Um vigário húngaro muito dinâmico veio instalar-se no bairro. Construiu a igreja e o presbitério exatamente em frente a um imenso conjunto de edifícios. Tem ainda outro projeto audacioso: construir uma escola católica para 700 a 800 alunos, com internato. As plantas já existem, procura dinheiro junto aos amigos e benfeitores para a construção. Será esse o colégio entregue aos Irmãos em 1993.

E até lá?

De 1990 a 1993, teremos três anos para nos preparar para essa missão, para aprender a língua, começar o apostolado junto aos jovens e a pastoral das vocações.

Durante esse tempo, os Irmãos ficarão alojados numa antiga casa de cônegos, também em bairro antigo, muito tranqüilo, no coração da cidade, perto da catedral, a dois quilômetros e meio do novo bairro.

O senhor tem alguns dados estatísticos sobre a paróquia de Győr onde os Irmãos vão instalar-se?

A paróquia, que foi inaugurada em junho de 1987, denomina-se *Szentlélek* (Espírito Santo). O vigário, Ferenc Benkovich, 52 anos, é ao mesmo tempo chanceler do bispado. Entre os 25 000 habitantes, os cristãos praticantes orçam entre 2 500 e 3 000.

Há crescente participação dos jovens e dos adultos na catequese paroquial:

- Em 1987-88: 300 participantes
- Em 1988-89: 500 participantes
- Em 1989-90: 1 000 participantes

No ano 1989-90 houve 110 batismos, dos quais 50 adultos (de 14 a 30 anos); 410 primeiras comunhões, das quais 110 de adultos e 300 confirmações, das quais a metade de adultos.

Assisti a uma dessas primeiras comunhões de jovens. Foi uma festa: violões, cantos de Taizé, etc. É uma nova Igreja que surge.

A escola católica que lhe será entregue obterá subvenção do Estado?

Não se sabe muito bem como isso vai acontecer. As escolas católicas, com certeza, terão ajuda financeira como se fossem públicas. Há duas possibilidades em discussão: ou os professores serão pagos pelo Estado ou, então, este assinala para cada estabelecimento uma soma global para garantir o pagamento dos salários e as despesas de manutenção. É esta última solução que parece ser a mais provável. Tudo está em vias de mudanças na Hungria e as coisas andam de maneira lenta.

Há alguma Província Marista responsável direta dessa fundação?

Não, não há nenhuma Província em particular responsável pela obra. É uma fundação européia. Até agora, está sob a responsabilidade do Conselho Geral, mas o Conselho dos Provinciais da Europa vai estudar as modalidades de apadrinhamento e de tutela.

Pretendemos dar-lhe abertura muito européia na formação, por meio de aulas de línguas e também por meio de permutas culturais, espirituais, linguísticas e outras.



Vista geral do bairro de Győr, onde os Irmãos trabalharão.



Budapest, antigo colégio dos Irmãos.

A comunidade é internacional: Irmãos de origem húngara, espanhóis, um francês, esperando que, um dia, possamos contar com um Irmão inglês ou alemão... Queremos que a comunidade dê ao colégio uma abertura européia. Pensamos que a Europa do Ocidente tem alguma coisa a levar para a Hungria, mas a Hungria tem algo também a levar para a Europa do Oeste.

Projeto ambicioso, não é?

Sim, e que apresenta grandes desafios. Em primeiro lugar, a língua. É necessário aprendê-la e depressa, sobretudo se quisermos assumir obra nossa. O húngaro é língua muito particular, com fama de ser difícil. Não é nem latino, nem eslavo ou germânico. Classifica-se como fino-húngaro, um pouco aparentado com as línguas bálticas. Parece ser difícil a dominar, mas contamos com a ajuda preciosa dos Irmãos de origem húngara. A língua e a cultura do país constituem nosso primeiro desafio.

Outro projeto que temos a peito é o recrutamento de vocações. Nossa implantação não total, se não houver jovens dispostos a vir conosco.

O vigário quer também que o colégio, além de sua abertura européia, seja disponível ao bairro. Local onde as pessoas se sintam à vontade para atividades culturais, pastorais ou outras, fora dos horários escolares. Dado que será pensionato, pensa-se em acolher jovens nos fins de semana ou nas férias, para sessões, retiros, etc. Evidentemente, não serão cinco ou seis Irmãos que vão poder dirigir tal colégio. É necessário repartir as responsabilidades, tanto em nível pedagógico como catequético e pastoral.

As outras congregações têm vocações?

Até agora, as quatro congregações que permaneceram no país estavam muito limitadas: apenas podiam acolher um ou dois noviços por ano. Possuem poucos jovens. Entretanto, conforme me informaram, existe certo número de jovens que esperam a implantação das congregações para ingressar na vida religiosa. Não saberia confirmar se existem muitas vocações no momento.

Uma pergunta derradeira, Irmão Remi. Como se sente diante dessa fundação?

Há mais de ano que estou me preparando. Trata-se de aventura que mete um pouco de medo, em primeiro lugar, devido à língua, em segundo lugar, por causa do projeto que é muito ambicioso. Ao mesmo tempo, penso que não estarei só. Formamos uma equipe de cinco ou seis Irmãos na qual cada um tem seu lugar. Nos países do Oeste da Europa, sabemos como é difícil para uma comunidade manter a animação religiosa nas escolas, porque se encontra certa rejeição. Na Hungria, a situação é diferente. Não são os jovens que rejeitaram a religião. Não tiveram acesso a ela: era a opressão.



ENCONTRO DOS IRMÃOS PROVINCIAIS DA EUROPA

N.D. de l'Hermitage, 24-28 setembro de 1990

Os encontros de Irmãos Provinciais de um mesmo país são fatos corriqueiros no Instituto. Encontros semelhantes, ao nível de continentes, excepto na América Latina, nunca foram organizados antes da Conferência Geral de Veranópolis - outubro de 1989. Essa foi a oportunidade para os Provinciais, de tomar melhor consciência dos interesses que eles têm com os Irmãos Maristas homólogos, residentes na mesma parte do mundo, quer se trate da Ásia, da Oceânia, da África ou



Participantes da assembleia.

da Europa. Para a Europa, contudo, existia uma razão conjuntural: o fato político de 1992, data em que os países da Comunidade Européia vão dar mais um passo para a união. Tendo tomado contacto em Veranópolis, os Superiores das 16 Províncias e os Superiores dos Distritos autônomos da Europa, aos quais se juntou o Superior do Distrito do Líbano-Síria, decidiram reunir-se em N.D. de l'Hermitage no final do mês de setembro de 1990. A convite dos responsáveis, compareceu uma representação do Conselho Geral, composta do Irmão Superior Geral, Vigário Geral e Secretário Geral.

No encontro, sendo o «primeiro», foi consagrado muito tempo para as apresentações. Cada um dos Superiores presentes, por sua vez, deu um apanhado da Província e do Distrito: efetivos, obras, problemas, esperanças.

Depois de ter passado em revista os assuntos que interessavam, os Provinciais foram levados a emitir alguns de-

sejos, mas a reunião não se destinava a tomar decisões, o importante era obter uma visão de conjunto dos temas e suscitar a unidade espiritual da assembleia, graças às informações, aos debates e à permuta de idéias. As celebrações diárias contribuíram muito para o estabelecimento desta unidade.

Algumas celebrações foram tempos fortes de oração comum, preparadas, por rodízio, por grupos de Provinciais e que se desenrolaram nos santuários Maristas da



Durante uma sessão de trabalho.

circunvizinhança: Capela de N.S. da Piedade (La Valla), Maisonnettes, Quarto do Padre Champagnat, coro do relicário do Padre Champagnat na capela de N.D. de l'Hermitage.

Outras contribuições, muito apreciadas, foram as intervenções do Irmão Superior Geral, do Irmão André Lanfrey, historiador, e do Padre Paul Berger, responsável da pastoral no meio escolar.

O encontro foi encerrado com uma bela cerimônia eucarística, no decurso da qual o Ir. Superior Geral entregou a cada Provincial a imagem, em grande formato, do Padre Champagnat, desenhada pelo Irmão Bossaert, cercada pelas assinaturas de todos os participantes. Ao entregar-lhes o quadro fez-lhes a exortação: «Sede semeadores de esperança!»

Ir. Yves Thénnoz

ATENÇÃO AOS APELOS DA IGREJA



Relevos em cerâmica (Ir. José Santamarta, Castilla).

- *Documento do Vaticano sobre a Formação nos Institutos Religiosos.*

DOCUMENTO DO VATICANO sobre a formação nos Institutos Religiosos

«A verdadeira renovação dos institutos religiosos depende principalmente da formação de seus membros.» Estas são as palavras de abertura tiradas do Documento sobre a Formação dos Institutos Religiosos, publicado em Roma neste ano. Minha primeira pergunta sobre o documento foi: «Há alguma coisa nova? Acrescenta algo às linhas mestras e diretivas de nossas Constituições e Guia de Formação?» O documento é mais extenso, naturalmente, e tem uma aplicação maior.

«Diretivas na Formação» é o mais recente de uma série de documentos e diretivas que a Igreja emitiu desde o Concílio Vaticano II, apresentando um sumário desses ensinamentos. É teológico, teórico e prático. Foi escrito especialmente para os Institutos Religiosos. Contém um capítulo tratando somente da formação dos Padres Religiosos.

O documento não apresenta idéias ou pensamentos novos, mas faz afirmações muito importantes, positivas e enérgicas sobre muitos aspectos da vida religiosa e sua formação. Da mesma forma que nosso Guia de Formação, apresenta a vida religiosa como «*um dom*» de Deus e um «*chamamento de Deus para o qual não há explicação a não ser o amor que tem para com a pessoa*» (par. 8). Ao responder e aceitar esse chamado, o religioso procura seguir Cristo mais de perto sob a ação do Espírito Santo. Esse convite e resposta permitem e animam o crescimento do religioso à maturidade plena, equilibrada e vida espiritual profunda. O documento, de maneira certa, assinala que a ação de Deus e a resposta da pessoa são englobadas pelo ato da profissão religiosa, que é também ato da Igreja.

Algumas afirmações vigorosas e positivas são feitas na secção dos votos. «Os votos dão testemunho no-



Colégio Internacional, Roma.

tório e vibrante que o mundo não pode ser transformado e oferecido a Deus sem o espírito das bem-aventuranças» (Par. 12). A vida religiosa caracteriza-se pelo «radicalismo evangélico» que não nos retira do mundo.

A abordagem reduzida do voto de castidade é muito positiva e equilibrada. O voto é apresentado como sinal e fonte que permite o relacio-

namento com Deus mais imediato por meio de Cristo no Espírito. Isso produz a «possibilidade da verdadeira dedicação e abertura para os outros, ao partilhar de suas alegrias, sendo fiéis e constantes no amor, sem o pensamento de dominação e exclusividade» (Par. 13). O esquema do programa pedagógico de formação toma em conta as necessidades espirituais, físicas, psicológicas e o desenvolvimento da pessoa.



Jovens professos nas ilhas Salomon.

"Atenção aos apelos da Igreja"



Os primeiros Irmãos
no Setor da Índia.

A sensibilidade para com a pobreza não é nada de novo... O que seja novo, talvez, é «a sensibilidade particular para com os pobres e a pobreza que existe no mundo, que caracteriza a vida religiosa hoje» (Par. 14). E desse ponto de partida, o documento «forma um elo entre o voto, a pobreza e a opção dos pobres». O chamado é muito claro —temos de viver uma vida unida em espírito e de fato com os necessitados, um apelo que «*implica o desapego interior, certa austeridade... por vezes a partilha na vida e luta deles sem esquecer a missão específica dos religiosos*» (Par. 14). O documento, ao detalhar o programa educacional para a pobreza evangélica, assinala que as diferenças culturais e as dificuldades devem ser tomadas em conta.

A obediência é ligada à missão. A obediência na imitação de Cristo é a obediência para sua Missão: a salvação do mundo. Daí, que a obediência sem missão não é obediência. Ao dar diretivas para formação, o documento afirma que os candidatos devem «*deixar o anonimato do mundo técnico, para conhecer-se como são e conhecer as outras pessoas*» (Par. 15) o que é uma indicação do impacto da tecnologia sobre os valores e o desenvolvimento da pessoa humana nos países mais desenvolvidos.

A secção dos votos conclui fazendo uma ligação entre compromisso e missão, alguma coisa que é preocupação corrente em nosso Instituto.

Não existe divisão entre «a finalidade da vida religiosa e o objetivo de um instituto, entre consagração a Deus e missão no mundo» (Par. 17).

Em geral, há semelhança notável entre esse documento e nosso Guia de Formação. Os princípios gerais são os mesmos e a mesma ênfase é dada a certos pontos e áreas de preocupação tais como: a necessidade do acompanhamento, a importância do noviciado como tempo de oração e reflexão, a necessidade de um programa de formação bem equilibrado. Essa concordância confirma de maneira muito evidente nossa posição dentro da Igreja. O papel da Igreja na vida religiosa, como principal agente na formação, é muito ressaltado, porque embora os votos sejam resposta pessoal do religioso ao amor de Deus, é a Igreja que os recebe e reconhece, dando uma missão aos religiosos como indivíduos e como institutos. Porque a Igreja é «o povo em marcha...»

- povo que tem as raízes na história humana,
- povo que acha... a palavra de Deus... na Escritura, tradição e magistério,
- povo não inconsciente das mudanças,
- povo que se identifica com o Corpo de Cristo e, finalmente,
- um povo missionário» (Par. 24).

Através do documento, os religiosos são encorajados a trabalhar com a Igreja, ampará-la e ser-lhe o apoio.



Florescimento
de vocações
no Malawi.

Ao tratar do conteúdo e método de formação em todas as etapas desde o pré-noviciado até à formação permanente, o documento dá uma visão das expectativas e diretivas da Igreja. Dão-se úteis referências ao novo Direito Canônico. No programa, há equilíbrio sadio entre os aspectos espirituais e psicológicos de maneira que haja «*harmoniosa fusão dos elementos espirituais, apostólicos, doutrinários e práticos*» (Par. 1) da vida religiosa.

O capítulo intitulado «*Questões reais concernentes à Formação Religiosa*» fornece três secções de leitura interessante:

- 1) uma tratando do jovem aspirante e da promoção vocacional;
- 2) outra secção sobre a Cultura e a Formação —breve, mas com pontos muito significativos, particularmente para os que estão em situações em que a cultura é assunto importante na formação;
- 3) questões concernentes a programas de formação intercongregacional.

Este documento é bem apresentado e de leitura fácil. Confirma nossos documentos referentes à formação e nos fornece boa leitura para a reflexão e estudo dos votos, vida religiosa e missão na Igreja. Não é apenas para so que trabalham na formação, mas interessa a todos.

Ir. Michael Hoare
África do Sul

IRMÃOS PROVINCIAIS

O Irmão Joseph DE MEYER nasceu em 25 de julho de 1937, na região de Anvers, Bélgica. Ingressou no postulado-noviciado de Habay em 1953. Emitiu os primeiros votos em 15 de agosto de 1955. Após dois anos de escolasticado, em Arlon, e quatro anos de estudos em Saint-Gilles, é, em 1961, professor em Malmédy e faz o serviço militar. Para o segundo noviciado vai a Saint-Paul-Trois-Châteaux, de agosto de 1966 a janeiro de 1967. Depois é nomeado para Couvin e, depois, para Saint-Hubert. Nesses locais exerce sucessivamente os encargos de professor, prefeito, diretor. Em 1981 é diretor de Malmédy. Em 26 de maio de 1989, o Conselho Geral o designa sucessor do Ir. Édouard Blondeel, Provincial da Bélgica-Holanda. Este torna-se diretor do Centro francofônico de espiritualidade, em Roma.



O Irmão Joaquín FLORES SEGURA nasceu em 16 de agosto de 1940, no México. Depois de quatro anos de juvenato em Morelia e dois anos de postulado-noviciado em Tlalpan, faz a primeira profissão em 8 de dezembro de 1958. Segue para o escolasticado de Querétaro onde permanece até 1962. De 1962 a 1989, seu apostolado, interrompido por um ano de estudos em Paris (1976-1977), se exerce em Querétaro, Orizaba, México, San Luis Potosí, Tlalpan. Conforme os períodos, é professor ou administrador. No dia 17 de março de 1989 é nomeado Provincial do México Central.



O Irmão John LEK, nascido no dia 27 de dezembro de 1940, ingressou no juvenato de sua cidade natal, Singapura, em 1953. Quatro anos mais tarde, faz o noviciado em Tyngsboro, na Malásia. Emite os primeiros votos no dia 15 de agosto de 1961. De 1961 a 1965, é escolástico em Poughkeepsie. Depois, leciona sucessivamente em Sibú, Singapura, Kowloon. Em 1984 dedica um ano aos estudos em Manilha e, a partir de 1985, retoma o magistério em Singapura. Em 1989, é convocado para substituir o Irmão Joachim Heng como Provincial da China.



O Irmão Mariano VARONA GREGÓRIO nasceu em 17 de maio de 1943 na província de Palência, Espanha. Ingressou no juvenato aos 10 anos, para começar o noviciado cinco anos mais tarde em Pontós. A primeira profissão teve lugar no dia 16 de julho de 1960. Imediatamente enviado ao Chile, começa o escolasticado em Limache, faz os estudos em Santiago, é encarregado do ensino em Quillota (1977), torna-se diretor em San Fernando (1978) depois, mestre dos postulantes em Santiago (1980). A partir de 1985, está em Roma, no Colégio Internacional para novos estudos. Em 1988, é nomeado Mestre de Noviços em Santiago. No dia 2 de junho de 1989, o Conselho Geral o nomeia Provincial do Chile.



O Irmão Achylles SCAPIN é oriundo de Júlio de Castilhos - RGS, Brasil, onde nasceu em 19 de agosto de 1928. Foi juvenista em Apipucos de 1943 a 1946. No mesmo local fez o noviciado e a primeira profissão em 18-01-1948. Seguiu-se um ano de escolasticado. Em 1949 é professor em Maceió, em 1957 em Fortaleza. De 1960 a 1962, segue estudos em Paris, com um intervalo para o segundo noviciado em Saint-Paul-Trois-Châteaux. Em 1962, é diretor em Salvador. De 1978 a 1984 é Provincial do Brasil Norte, com sede em Apipucos, onde permanece até 1985 como ecônomo provincial. É convocado para Fortaleza, Mondubim, para ser Mestre de Noviços. Em março aceitou o encargo para um terceiro mandato de Provincial.

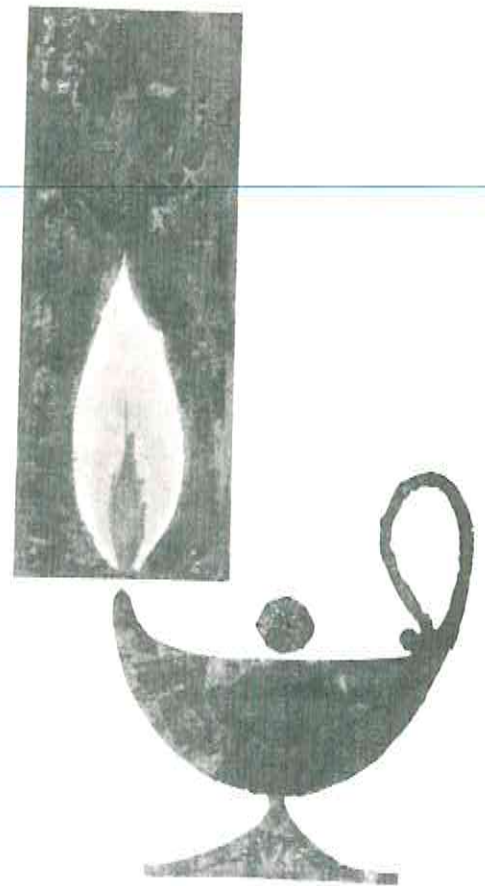


ESTATÍSTICAS GERAIS DO INSTITUTO

EM 31 DE DEZEMBRO DE 1989

PROVÍNCIAS E DISTRITOS	POST	NOV	TEMP	PERP	TOTAL	DEF	SORT	1.º V.
01 ADMINISTRATION GÉNÉRALE (INDE)	00	00	05		5	00	00	00
02 AFRIQUE DU SUD	00	00	04	31	35	00	01	00
03 ALLEMAGNE	00	02	05	66	71	06	00	00
04 AMÉRIQUE CENTRALE.....	11	14	39	149	188	02	02	09
05 BEAUCAMPS - ST-GENIS	02	03	06	228	234	08	00	01
06 BELGIQUE-HOLLANDE.....	00	00	00	149	149	03	00	00
07 BÉTICA.....	09	16	27	169	196	02	00	01
08 BRÉSIL NORD.....	07	08	14	72	86	02	05	04
09 CASTILLA	23	09	21	155	176	01	03	06
10 CATALUNYA	14	20	42	211	253	02	14	06
11 CHILI.....	03	04	05	97	102	02	02	00
12 CHINE.....	03	00	03	44	47	01	01	01
13 COLOMBIE.....	04	07	17	76	93	01	06	06
14 CÓRDOBA	02	01	04	83	87	05	01	00
15 ÉQUATEUR.....	02	00	08	41	49	00	01	02
16 ESOPUS	00	03	02	158	160	03	02	02
17 GRANDE BRETAGNE	01	04	12	63	75	00	02	02
18 IBERVILLE	00	00	03	195	198	06	00	02
19 IRLANDE	00	00	01	38	39	00	00	00
20 ITALIE	00	01	03	108	111	01	01	00
21 LEÓN.....	04	10	14	162	176	07	01	02
22 LEVANTE.....	07	10	10	102	112	01	03	01
23 LIBAN-SYRIE.....	00	00	00	17	17	00	00	00
24 LUJÁN	04	01	04	102	106	02	03	01
25 MADAGASCAR	00	02	24	47	71	00	04	09
26 MADRID.....	00	03	04	119	123	01	01	00
27 MELBOURNE	00	00	03	141	144	02	02	00
28 MEXIQUE CENTRAL.....	15	13	28	130	158	01	10	09
29 MEXIQUE OCCIDENTAL.....	01	14	18	164	182	05	08	04
30 MIDI-CENTRE-OUEST-HERMITAGE	00	00	01	249	250	05	00	01
31 NIGERIA	03	03	16	64	80	00	02	03
32 NORTE	06	09	04	140	144	04	01	00
33 NOUVELLE ZELANDE.....	08	10	17	167	184	02	05	03
34 PÉROU	02	20	21	62	83	01	02	06
35 PHILIPPINES.....	05	08	07	42	49	00	04	02
36 PORTO ALEGRE.....	07	04	08	145	153	01	00	01
37 PORTUGAL.....	00	01	06	57	63	00	00	00
38 POUGHKEEPSIE.....	00	00	03	135	138	03	02	00
39 QUÉBEC	00	23	17	150	167	03	01	05
40 RIO DE JANEIRO.....	01	05	11	84	95	00	00	01
41 RWANDA	01	01	06	32	38	00	01	00
42 SANTA CATARINA.....	05	02	14	64	78	02	03	02
43 SANTA MARIA	06	07	09	89	98	01	00	02
44 SÃO PAULO	10	07	13	87	100	02	04	01
45 SRI LANKA	00	02	04	42	46	03	01	00
46 SUISSE.....	00	00	00	24	24	01	00	00
47 SIDNEY	02	02	16	311	327	03	03	06
48 URUGUAY.....	00	00	00	34	34	00	00	00
49 VENEZUELA.....	12	11	29	44	73	00	01	02
50 ZAÏRE	03	06	20	31	51	00	01	02
TOTAL 1989.....	183	266	548	5 170	5 718	95	104	105

NOSSOS DEFUNTOS



FERNANDES Manuel Pereira	Brésil Nord	01.03.90
BARRIUSO CARRASCO Donaciano	Bética	06.03.90
BOILY Gérard	Québec	11.03.90
PACHO FERNÁNDEZ Lorenzo	León	12.03.90
BOUCHER Alfred-Roméo	Iberville	28.03.90
WILKINSON Joseph A.	Esopus	02.04.90
PEREDA PEREDA Ángel	Norte	05.04.90
DOOLEY William	Esopus	18.04.90
FLOOD Peter	Ireland	22.04.90
POERSCH Pedro Otto	Santa Maria	26.04.90
BARNILS MASAT Domingo	Perú	27.04.90
BOUDRY Eugène	Beaucamps-St. Genis	30.04.90
CARDONA GARCÍA Sinforoso	Colombia	13.05.90
COLOMBAT Claude-Marie	M.C.O. - Hermitage	22.05.90
ORDÓÑEZ GARCÍA Alonso Antonio	América Central	27.05.90
ISERN ISERN Miguel	Chile	28.05.90
BOULET Paul-Émile	Québec	05.06.90
MARTÍN GIL Donato	América Central	06.06.90
HAGAN Christopher	South Africa	14.06.90
BERMOND Justinien	Beaucamps-St. Genis	18.06.90
McTIERNAN Michael F.	Ireland	22.06.90
BOENKE Werner	Allemagne	24.06.90
BORELLI Bruce	Poughkeepsie	27.06.90

VIÑAS PRAT Pedro	Perú	28.06.90
VEYSSET André	M.C.O. - Hermitage	29.06.90
DEWILDE Michel	Belgique - Hollande	02.07.90
WALSH Tomás	Luján	02.07.90
FELINTO PEREIRA Euclides	Rio de Janeiro	03.07.90
CANEDO Luis	South Africa	05.07.90
LANKES Josef	Allemagne	08.07.90
ARBUÉS RUBIOL José	Catalunya	20.07.90
LI SHU YEN Gabriel	Chine (intérieure)	23.07.90
CINQUIN Joanny	M.C.O. - Hermitage	29.07.90
CASTAÑÓN FERNÁNDEZ Juan Antonio	Chine	02.08.90
BAZANTE GÓMEZ Gabriel María	Colombia	05.08.90
BOETSCH Hermann	Beaucamps - St. Genis	09.08.90
VALLAINC Pablo	Luján	10.08.90
SIONGERS Florent	Belgique - Hollande	14.08.90
GRIOT Gilbert-Joseph	M.C.O. - Hermitage	17.08.90
GARCÍA DEL BARRIO José	América Central	19.08.90
McINTOSH Thomas Joseph	New Zealand	23.08.90
DE CREE Henri	Belgique - Hollande	23.08.90
DALRI Altino	São Paulo	31.08.90
FRANTZEN Jacques	Belgique - Hollande	01.09.90
MEDIAVILLA ANTÓN Cándido	Venezuela	04.09.90
BATALHA José Joaquim	Rio de Janeiro	09.09.90
TEISSEIRE Daniel	M.C.O. - Hermitage	12.09.90
YUSTON Ernesto	Luján	15.09.90
MOSCHHAIZER NETTO José	Porto Alegre	16.09.90
RODRÍGUEZ DE FELIPE Constantino	León	25.09.90
CALDERÓN RAMÍREZ Antonio	México Occidental	26.09.90
KELM Patrick Joseph	Great Britain	26.09.90
VACHON Joseph	Iberville	29.09.90



COLEGIO INTERNACIONAL, ROMA. AÑO ACADÉMICO 1989-1990

De izquierda a derecha y de delante hacia atrás

1. Hermanos: Víctor Preciado (México Occidental), José Igarza (Perú), Fernando Hinojal (Subdirector, Bética), Joaquim Sperandio (Santa Catarina), Honoré Rakotonarivo (Madagascar), Mateo González (Levante), Isidoro García (Cataluña), João Coelho (Santa María).
2. *De pie:* Fernando Nabreda (Madrid), Gregorio Bartolomé (Bética), Charles Munyengango (Ruanda), Juan María Fuster (Bética), Martí Enrich (Cataluña). *Sentados:* Rafael Kongfook (Perú), Roberto Moraglia (Italia), Charles Howard (Superior general), Jesús Conderana (Levante), Alfonso Murad (Rio de Janeiro), Carlos Mario McEwen (Colombia), Evilazio Tambosi (Santa Catarina), Ramón Martínez (Capellán, México), Vittorio Vuyet (diácono, Italia).
3. Adolfo Cermeño (América Central), Jesús Hernández (México Occidental), José María Custodi (Cataluña-Paraguay), Jaime Parés (Cataluña), Eugène Kabanguka (Ruanda), Rufino Luciani (Italia), Marcelino Ganzarain (Consejero general), Vicente Gutiérrez (Ecuador), Alfredo Crestani (Director, Porto Alegre), Elio Dotti (Italia), Ernesto Tendero (Madrid).
Ausentes: Alfredo Herrera (Corea), Isidro Azpeleta (Chile), Roberto Carrillo (México Central).

CURSO DE ESPIRITUALIDAD

San Lorenzo de El Escorial. Febrero-Junio 1990

FILA SUPERIOR: Eduardo Gatti (Luján), Padre Guillermo (Agustino), Javier Ocaranza (Méx. Occ.), Pedro Armando Fossa (São Paulo), Padre Porfirio Martínez, Luis Díez (América Central), Florentino Andrés (Madrid-Zaire), Daniel Ramírez Osorio (Colombia), José Luis Marcos (Perú), Matias Espinosa (Norte).

CENTRO: José Luis Ampudia (León), Félix Rodríguez (Cataluña), Carlos Asensio (Castilla), Marino González (Madrid), Jesús María Martínez (Norte), Manuel Laso (Luján), Manuel Fernández (León), Teóduo Pérez (Cataluña), Manuel de Jesús Badillo (Méx. Occ.).

INFERIOR: Avelino Jiménez (Bética-Bolivia), Federico Plumed (Cataluña), Javier Duarte (Méx. Occ.), Laurentino Albalá (Ecuador), Silvio Arteaga (Colombia), Hermes Balena (Santa Catarina), Ricardo Piña (Dist. Corea-Méx. Central).





ENGLISH-SPEAKING RENEWAL GROUP, NEMI, 1990

Seated (left to right). Brothers: Robert Lee (Great Britain), Daniel Cronin (Poughkeepsie), Patrick Brady (South Africa), John McDonnell (Assistant, Esopus), Brian Wanden (Superior, New Zealand), Charles Howard (Superior general), Ephrem Obris (Sri Lanka), John Wells (Sydney), Domingo Eceolaza (Zimbabwe), Harry Prout (Melbourne).

Standing (left to right). Brothers: Michael Jones (Sydney), Ewald Frank (Germany-Kenya), Joseph Mc Kee (Great Britain-Cameroon), Patrick Bignell (New Zealand), Tobias Okwara (Nigeria), Martin Pattison (New Zealand), Anthony Walker (New Zealand), John McMahon (Melbourne), Father Mark Coleridge (chaplain, Melbourne), William Lawley (New Zealand).

Absent: Br. Kenneth Curtin (Esopus).

GRUPO HISPANO-LUSO DE TERCERA EDAD, ROMA, ABRIL-JUNIO 1990

De abajo arriba, y de izquierda a derecha:

1. Hermanos: Ivo Plüssi (Santa María), Arcadio Balbás (Córdoba), Andrés Carpintero (Cataluña), Fabián Echarte (Norte), Felipe Alonso (Córdoba).

2. Hermanos: Lauro Martín (Perú), Francisco Rabanal (León), Honorato Asarta (Norte), José Ramos (Director adjunto, Bética), Guillermo Casto (Director, Luján), Charles Howard (Superior general), Hermes Pandolfo (Director adjunto, Porto Alegre), Eliseo Allor (Capellán, México), Manuel Hernández (México Occidental), José Robles (Castilla), Estevão Müller (São Paulo).

3. Hermanos: Henrique Maurina (Santa Catarina), Lauro Neuwald (Porto Alegre), Faustino Gómez (Venezuela), Christiano Bernardi (Santa María), José Ibáñez (Levante), Avelino Madalozzo (Porto Alegre), Paulo Romanckiv (São Paulo), Germán Ares (América Central), Héctor Criado (Córdoba), David Preciado (México Central), Augusto Porro (Luján), Hipólito Cosío (Córdoba).

4. Hermanos: Augusto Jenemann (Uruguay), Benigno Aller (León), Luis Solórzano (México Occidental), Pedro Santillana (Chile), Feliciano Merino (América Central), Jesús Barbería (Cataluña), Antonio Rebollar (Castilla), Pedro Peña (Colombia), Anselmo Liessmann (Uruguay), Basilio Fidalgo (Chile), José Bernardi (Porto Alegre).

5. Hermanos: Leoncio Rodríguez (Bética), Emiliano Gutiérrez (Madrid), Julián Pérez (Bética), Baltasar Santillán (México Central), Jacinto Ruesga (Luján), Javier Navallas (Córdoba), Ramón Burgui (Bética), Pedro Martínez (Perú), Benito Baño (América Central), Mariano Puebla (Ecuador), Román Cotorro (Venezuela).



SESSIONS DE SPIRITUALITÉ